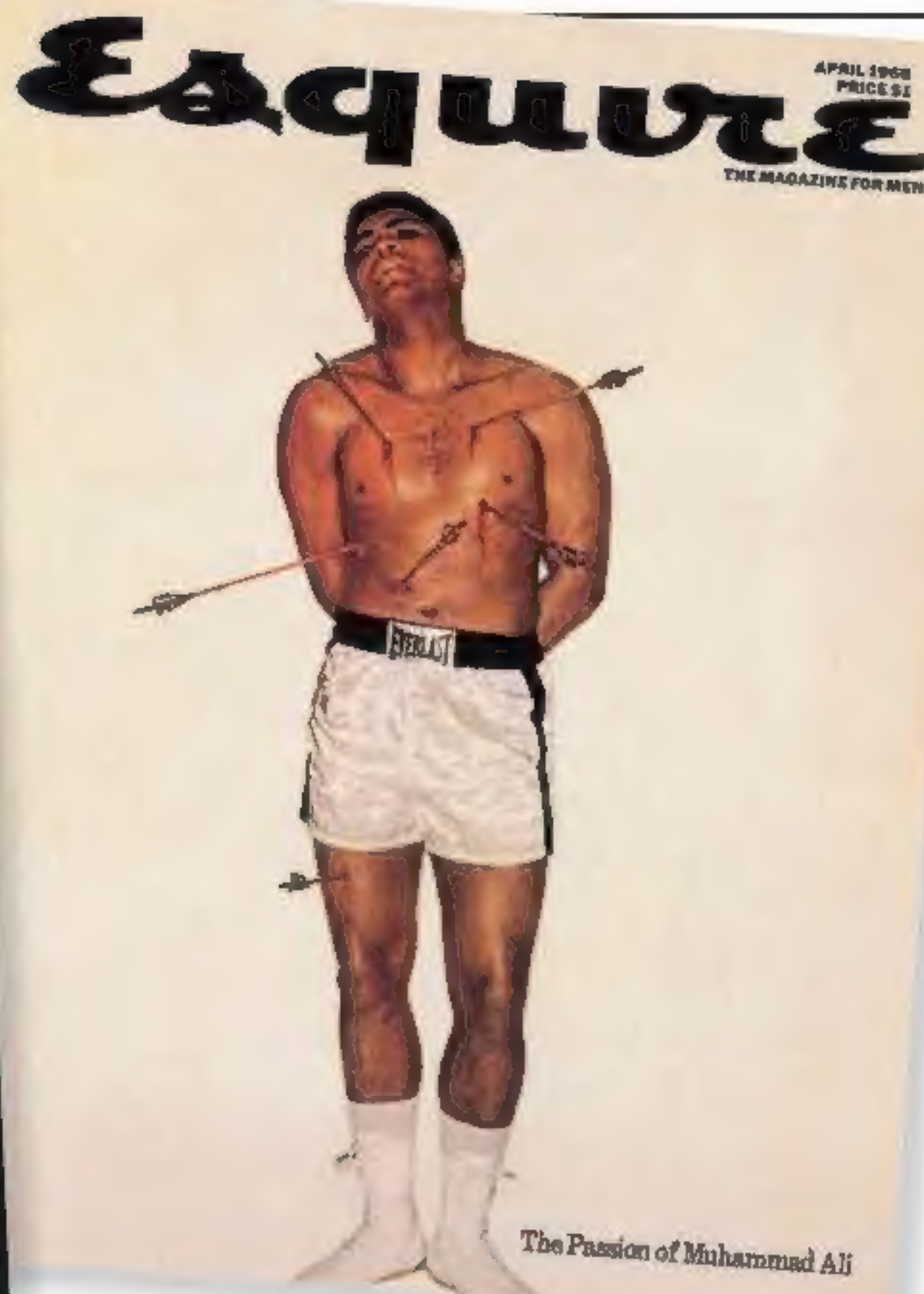
PLACAR
Abril
ED 1490 AGOSTO 2022 R$15,00
7 893614 112459
DE R$ 25,00 POR:
R$ 15,00
POR TEMPO LIMITADO
CONTEMPLE ENQUANTO É TEMPO
AOS 32 ANOS, PAULO HENRIQUE GANSO DESFILA NO FLUMINENSE COMO OS CAMISAS 10 DE ANTIGAMENTE
COM VOCÊS, O DOUTOR EDUARDO
A HISTÓRICA ENTREVISTA DE TOSTÃO PARA A PLACAR, EM 1984, DEPOIS DE ONZE ANOS SUMIDO DOS HOLOFOTES
A ÚLTIMA CHANCE DO CRAQUE
NEYMAR SABE QUE APENAS A VITÓRIA NA COPA DO MUNDO DO CATAR PODE LIVRÁ-LO DAS FLECHADAS QUE TEM RECEBIDO — ALGUMAS MUITO JUSTAS, OUTRAS NEM TANTO

Assine *PLACAR*

A capa de PLACAR, de 2012, em fotomontagem, e o maior dos pugilistas em foto posada para a *Esquire*: mártires?

A EXEMPLO DE MUHAMMAD ALI

Fez muito barulho, em 2012, a capa de PLACAR na qual Neymar aparecia crucificado — houve, inclusive, severas e compreensíveis críticas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, incomodada com o uso da imagem religiosa. Naquela oportunidade, a direção da revista pediu desculpas a quem por ventura tivesse se ofendido, mas deixou clara a ideia em torno da apresentação do atacante naquela situação.

Tratava-se de defendê-lo diante do linchamento público, transformado em exemplo de falta de ética no futebol ao cavar faltas, ao reclamar, ao brigar com tudo e com todos. Dizia a manchete: "A crucificação de Neymar — Chamado de cai-cai, o craque brasileiro vira bode expiatório em um esporte onde todos jogam sujo". Pouca coisa mudou dez anos depois: Neymar ainda é alvo de severas críticas, continua a cair tolamente — embora caçado em campo — e invariavelmente provoca mais ruído pelo que faz fora dos gramados do que por suas atuações em campo, em inversão incômoda.

Mas há uma diferença agora, e ela precisa ser iluminada: nos últimos meses, atento a sua derradeira chance de brilhar numa Copa do Mundo, aos 30 anos, Neymar tem se dedicado a treinos, luta para fazer valer o contrato com o PSG, nega as rixas com Mbappé e, nos encontros com a seleção brasileira, se mantém próximo aos companheiros menos estrelados. Faz de tudo, enfim, para não parecer o bad boy alheio ao bom senso. Por tudo isso, sente-se injustiçado — e talvez ele tenha boa dose de razão. Cabe ao camisa 10, ao menos uma vez, o benefício da dúvida.

Não se trata, portanto, de atrelá-lo a imagem de alguém metaforicamente crucificado. As flechas que o atingem são como as de São Sebastião, o mártir cristão eternizado numa pintura de Sandro Botticelli, amarrado a uma árvore e com o corpo perfurado por flechas. Foi como São Sebastião que Muhammad Ali apareceu numa histórica capa da revista americana *Esquire*, em 1968, em ideia do genial diretor de arte George Lois. Como tinha se recusado a lutar no Vietnã, já muito próximo das lideranças políticas do islamismo nos Estados Unidos, Ali foi arrastado para o ostracismo. Corajoso, topou fazer a foto que o mostraria como alvo de protestos indevidos. De algum modo, guardadas todas as proporções, é assim que Neymar pode ser representado — um São Sebastião à espera de que a verdade se restabeleça. Mas vai tudo depender do desempenho dele e do escrete de Tite no Catar. Resumo da ópera: Neymar terá no fim do ano, entre novembro e dezembro, sua derradeira chance para enfim despontar no panteão dos maiores de todos os tempos.

***

Na seção PRORROGAÇÃO desta edição, há presença firme e forte de grandes personagens do futebol mineiro — Reinaldo, Tostão e o espetacular Cruzeiro campeão da Libertadores de 1976. É intencional. Já faz algum tempo PLACAR tem pensando em homenagear o futebol das alterosas, uai! Venha conosco. ■

revistaplacar | @placar

placar.abril.com.br

placar@abril.com.br

ÍNDICE

INSTAGRAM @IGORBENEVENUTO

IDEIAS O juiz Igor Benevenuto: "Desde cedo eu já sabia que era gay"

CAPA: MONTAGEM COM FOTO DE INSTAGRAM @SUPERDRY

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Repórter: Leandro Miranda **Estagiárias:** Maria Fernanda Sousa Lemos e Mariah Magalhães
Checadora: Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite e Eric Cavasani Vechi (estagiário) **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche
Pesquisadora: Iara Silvia Brezeguello Rodrigues
Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão: Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo e Ismael Canosa (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Guilherme Azevedo, Klaus Richmond, Enrico Benevenutti, Caizo Unzelte, Stuart Horsfield e Ivan Martins (texto); Julie Barber e Oberdan Machado (ilustração)

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

PLACAR 1490 (789 3614 11176 6), ano 55, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante:
minhaabril.com.br
WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200 Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

Para assinar:
www.assineabril.com.br
WhatsApp: (11) 3584-9200 Telefone: SAC (11) 3584-9200
De segunda a sexta-feira, das 9 às 17h30
Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote pelo e-mail: assinaturacorporativa@abril.com.br

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

A ESTRELA DA NOVA GERAÇÃO

Bia Zaneratto, de 28 anos, fez bonito no título da Copa América conquistado pela renovada seleção brasileira. Sem Marta, machucada, a atacante do Palmeiras assumiu grandes responsabilidades e mostrou por que é a grande estrela do Brasil na atualidade. Seus gols foram comemorados com um L com as mãos e olhar para o céu, em homenagem à avó Luzia, que morreu no início do ano, vítima de Covid-19. Bia é o nome a ser acompanhado.

OBRIGADO, FRED

Na partida anterior, contra o Corinthians, houve comoção com o gol marcado aos 45 do segundo tempo na vitória de 4 a 0 no Maracanã. Era o tento de número 199 de Fred com a camisa tricolor. E então veio uma nova rodada de choro genuíno e inesquecível, contra o Ceará (2 a 1 para o Flu, mas sem bola na rede do camisa 9). Foi tudo muito bonito na despedida do futebol de um dos últimos craques românticos, daqueles que fazem a torcida se apaixonar. Ele fará falta — pelo que jogava e pelo que representa.

LUCAS MERÇON/FLUMINENSE

COM AS MÃOS DE CÁSSIO

Dez anos depois da final da Libertadores de 2012, o Corinthians voltava à Bombonera num mata-mata. Era improvável sair de lá com a classificação. Mas Cássio, na véspera do jogo 600 com a camisa alvinegra, mostrou por que virou lenda viva. Fez duas defesas na disputa de pênaltis, tirou do prumo o atacante Benedetto, do Boca Juniors, que pôs a bola nas alturas, e voltou como herói. Qualquer que seja o destino da equipe a partir das quartas, pouco importa... A noite de Cássio (e Gil, que marcou o gol da vitória) será sempre indelével.

GOL DA ALEMANHA!

PLACAR homenageia com uma das fotos do mês um gigante do futebol alemão: o atacante Uwe Seeler, morto em 21 de julho, aos 85 anos. Com a camisa do Hamburgo ele marcou 507 gols em 587 partidas. Pela seleção, disputou quatro Copas do Mundo, mas nunca levantou a taça. Em 1966, bateu na trave, com o vice-campeonato perdido para a Inglaterra. Ficou marcado, contudo, por sua postura sempre discreta. "Não há nada mais bonito que ser normal, e esse sou eu", ele dizia. Seeler merece lembrança eterna.

O ALVO É O HEXA E NADA MAIS

É agora ou nunca. Vítima das mais variadas flechadas — algumas justíssimas, outras nem tanto —, o trintão Neymar dá de ombros para confusões no PSG e vê a Copa do Catar como sua derradeira chance de calar os críticos e se eternizar entre os maiorais do futebol

Leandro Miranda e Luiz Felipe Castro

"Essa temporada vai entrar tudo. É só chutar. Estou sentindo. Sabe quando a gente está com um *feeling* bom?" Foi assim, durante uma *live* nas redes sociais — e onde mais haveria de ser? — que Neymar projetou seus próximos meses, os mais decisivos de sua tão vencedora quanto conflituosa carreira. Aos 30 anos, o mais talentoso jogador brasileiro de sua geração quer provar que enfim amadureceu e que merece ser lembrado como um dos gigantes da bola — quer sentar-se à mesa de Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e companhia, não só no que diz respeito a estatísticas, mas à intangível aura que acompanha os craques eternos. Ele sabe: para isso, precisa vencer a Copa do Mundo no Catar. Só assim conseguirá deixar para trás as contestações que o perseguem desde os tempos de menino da Vila. As pechas não cessam: cai-cai, marrento, mercenário e, agora, até gordinho e bichado. Neymar e seu estafe jamais lidaram bem com as críticas, que se intensificaram depois da saída do Barcelona para o PSG, em 2017, pela quantia recorde de 222 milhões de euros. O camisa 10 se sente profundamente injustiçado.

Mais de uma vez, ao longo da trajetória do craque, uma pergunta se impôs: estaríamos sendo rigorosos demais com ele? Em setembro de 2012, PLACAR causou enorme bafafá ao estampar Neymar crucificado com a seguinte provocação: "Chamado de cai-cai, o craque brasileiro vira bode expiatório em um esporte em que todos jogam sujo". Os anos passaram e a joia do Santos assumiu cada vez mais o papel de celebridade, dando munição aos inimigos. Recebe saraivadas de críticas — algumas pertinentes, outras nem tanto. Cabe, portanto, agora pô-lo em uma outra posição, e não mais pregado à polêmica cruz estampada há dez anos. Neymar ficaria bem como São Sebastião, o mártir cristão eternizado numa pintura de Sandro Botticelli, amarrado a uma árvore e com o corpo perfurado por flechas. Foi assim que o maior pugilista de todos os tempos, Muhammad Ali, apareceu na capa da revista americana *Esquire* em 1968, alvejado por todos os lados, em um tempo em que se recusou a servir na Guerra do Vietnã e teve seu cinturão cassado. Evidentemente, Neymar não é Ali — mas a imagem combina com o atual momento do jogador, que se sente injustiçado e procura paz e calma de olho na ideia que o persegue como nunca. Senão, vejamos.

Neymar pôs na cabeça que o torneio do Catar será seu terceiro e último Mundial, a chance derradeira de eternizar seu nome com a amarelinha, da qual já é o segundo maior artilheiro da história: tem 74 gols, três a menos que Pelé. Para isso, a ideia dele e de quem o rodeia é que toda a sua rotina nos próximos meses (treinos, horários, alimentação, tempo de jogo) seja voltada para chegar em novembro no ápice — com algumas recaídas previsíveis. No fim de julho, ele foi às redes sociais para reclamar de uma reportagem que o acusou de simular um pênalti. Irritado, escreveu: "Meu amigoooo, sou criticado desde os meus 13 anos... Passei muito tempo calado, isso sim. Toda ação provoca uma reação. Fala o que quer, escuta o que não quer". O plano de discrição, interrompido por pequenas explosões, também passa por não mudar de time e se manter jogando com frequência no PSG. Em cinco anos na França, isso não aconteceu: o camisa 10 nunca fez mais de 31 jogos por temporada em razão dos problemas físicos e suspensões.

Ciente disso e temeroso da motivação de Neymar depois da Copa, o clube fez sondagens na janela de transferências procurando um possível comprador no restrito mercado de times que poderiam arcar com o custo, mas sem suces-

so. A chance de negociação esbarra na vontade irredutível do jogador de permanecer, ao contrário de 2019, quando tentou forçar uma volta ao Barcelona. Além das dúvidas sobre o que Neymar projeta — em entrevista à DAZN, disse não saber se terá "condições de cabeça" de seguir "aguentando" o futebol depois de dezembro, mesmo tendo contrato até 2027 —, o PSG não quer repetir uma situação traumática. Em fevereiro de 2018, o atacante sofreu uma grave fissura no quinto metatarso do pé direito e, com previsão de três meses de recuperação, viu a Copa em risco. O clube não queria operá-lo, para contar com ele na reta final da temporada. Mas, priorizando se recuperar plenamente para o torneio na Rússia, Neymar impôs sua vontade, realizou a cirurgia com a equipe médica da CBF e não voltou a tempo de ajudar o PSG.

Pelo menos até novembro, o PSG sabe que pode contar com ele. Para surpresa geral, o brasileiro se apresentou antes do previsto. Chega cedo, sai tarde, treina faltas, levanta o astral do grupo... eis o novo Neymar, sabe-se lá até quando. Para render, ele precisa se sentir desafiado. Seu melhor momento foi em 2020, justo quando teve seu retorno ao Barça vetado, a contragosto. Foram suas atuações naquela Liga dos Campeões que motivaram o presidente do PSG, Nasser Al-Khelaifi, a fazer os primeiros movimentos pela renovação contratual. Desde então, não brilhou mais. Sob o comando do novo técnico, Christophe Galtier, o camisa 10 atuará cada vez mais como um armador, usando seu vasto repertório técnico. Os dribles e arrancadas têm dado lugar aos passes e à

O craque representado como São Sebastião, o mártir da Igreja: a sensação de injustiça, com boa dose de razão — mas nem tanto assim

Com Mbappé *(de costas)* e Messi: há duas temporadas ele já não é o principal nome do PSG, pressionado pelo francês e pelo argentino

criatividade. Será mais arco do que flecha, afinal. O novo estilo, já visto também na seleção, provocou insinuações de que estivesse fora de forma, algo que o irritou bastante e que é negado categoricamente por seus funcionários. Em 2021, Neymar chegou a postar uma foto exibindo o "tanquinho" da barriga definida, com a cutucada: "Gordinho bom de bola".

Sempre elogiado na seleção por sua atitude de liderança e protagonismo, Neymar não é mais o principal jogador do PSG há ao menos duas temporadas. Nesse período, Kylian Mbappé jogou 34 jogos a mais que ele e fez quase o triplo de gols: 81 a 30. A renovação até 2025 do astro francês de 23 anos também pesou para que o clube tentasse se desfazer de Neymar. Apesar disso, e dos constantes rumores a respeito de uma rixa, pessoas próximas ao brasileiro garantem não haver nenhum problema com Mbappé, nem com nenhum outro colega. Até mesmo os argentinos do elenco nutrem excelente relação com o craque, em especial, é claro, o amigo Lionel Messi. "Quem o conhece de perto o adora", é uma afirmação constante de seu estafe — que, no entanto, não o ajuda a expandir essa boa fama aos menos chegados.

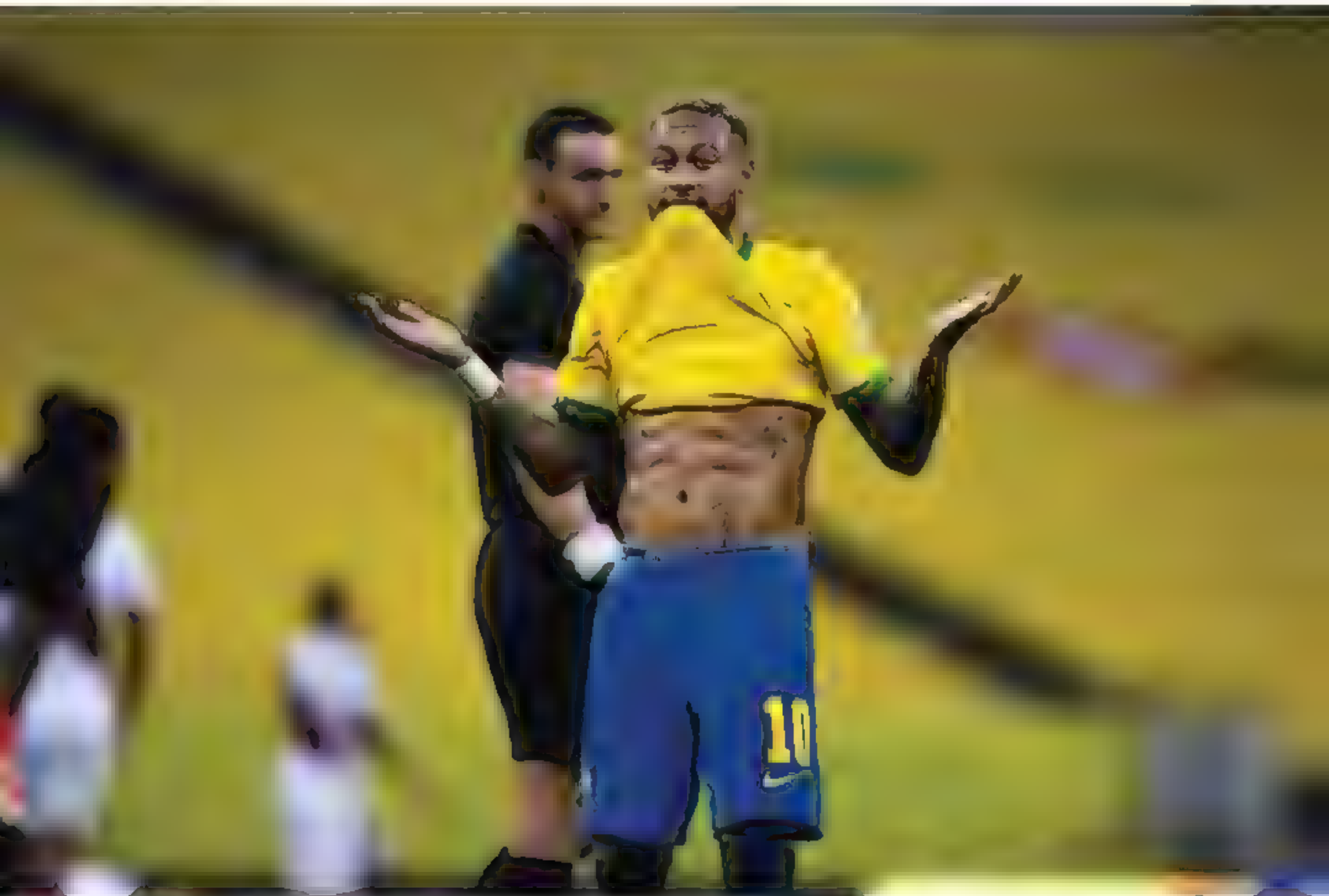
Se a Copa virou obsessão, outro objeto dourado é motivo de mágoa, resignação e até teoria da conspiração. "O Ney desistiu da Bola de Ouro, percebeu que há um complô contra ele e se conformou com isso", avalia um amigo próximo. Desde que surgiu como promessa do Peixe, Neymar convive com a expectativa sobre se tornar o melhor do mundo. Logo em sua estreia na premiação, em 2011, foi décimo colocado. De tão convictos de que ele repetiria a façanha de Romário, Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e Kaká, seus agentes chegaram a incluir cláusulas contratuais so-

A Bola de Ouro, o prêmio nunca alcançado: o estafe do jogador alimenta uma teoria da conspiração, como se houvesse um complô

bre bônus em caso de Bola de Ouro. Mas, tal qual ocorreu com o ídolo de infância Robinho, o sonho terminou em frustração.

Em seu auge no Barça, ele chegou perto. Foi terceiro colocado em 2015 e 2017, sempre atrás de Messi e Cristiano Ronaldo, que se revezaram no topo. Em 2016, foi quarto e em 2013, quinto. Nos últimos anos, passou longe das primeiras posições. O rancor maior deu-se em 2020, quando brilhou na campanha do vice-campeonato da Champions. Por causa da pandemia, não houve premiação da France Football. Já no The Best, da Fifa, o brasileiro terminou na longínqua nona colocação, atrás de nomes como Mané, De Bruyne e Thiago Alcântara, na visão dos 577 votantes, capitães, técnicos de seleções e jornalistas. "Um absurdo", na visão de seu estafe. Ao menos os bons companheiros Messi, Tite e Thiago Silva, além dos capitães de Paraguai e Coreia do Norte e dos treinadores de Gana e Guiana, votaram nele como número 1. "Na Europa, existe uma birra pelo fato de ele driblar, dar caneta, carretilha..." é o argumento usado por seus defensores. Contudo, soco em torcedor, brigas com rivais e ausência de gols decisivos são lembrados por seus críticos.

Convém ressaltar que na temporada de 2020, mesmo tendo brilhado na reta final, Neymar fez só 31 jogos, 22 a menos que o vencedor, Lewandowski. Justa ou não, a percepção da antipatia o abalou, bem como as rixas que teve com dois gigantes, outrora parceiros: Nike e Globo. O craque era patrocinado pela marca americana desde os 13 anos, mas a relação terminou de forma abrupta em 2020. A explicação veio à tona no ano seguinte, quando o *Wall Street Journal* revelou que uma ex-funcionária da Nike acusou Neymar de forçá-la a fazer sexo oral em um hotel de Nova York, em junho de

Com a namorada, Bruna Biancardi, de 28 anos, formada em moda discreta e tranquila ao avesso da ribalta

A barriga à mostra, depois de ter sido visto alguns quilos acima do peso em treino da seleção: "Gordinho bom de bola", postou o craque

2016. A empresa teria aberto uma investigação e decidido rescindir o contrato alegando falta de cooperação de Neymar.

À época, o pai do atleta negou qualquer tipo de assédio sexual do filho e disse a PLACAR que a confusão se deu por reclamações sobre a qualidade da chuteira Mercurial, que seria a causadora de suas lesões, e também de desacertos financeiros: "Quando a Nike não honrou os pagamentos atrasados, nós rompemos. Simples assim". A Nike sempre negou essa história. Já acertado com a Puma, Neymar admitiu sua ira. "Por ironia do destino, continuarei a estampar no meu peito uma marca que me traiu. Essa é a vida!", disse, citando o fato de a Nike vestir o PSG e a seleção. Ele ainda comparou as acusações às da modelo Najila Trindade, ocorridas em 2019. O caso foi arquivado, mas representou um duro golpe. O sentimento de injustiça foi maior pelo fato de a Nike não ter agido com rigidez semelhante com Cristiano Ronaldo, acusado de ter estuprado uma modelo americana em 2009, em Las Vegas, e de ter comprado seu silêncio. O caso foi esquecido, sem maiores transtornos ao português.

Com a Globo, o fim da relação também foi traumático e documentado. Eles mantiveram um contrato de exclusividade entre 2014 e 2016. O caldo começou a azedar durante a Olimpíada do Rio, quando o narrador Galvão Bueno fez duras críticas ao fato de o capitão do time ter ignorado a imprensa (algo corriqueiro) depois dos tropeços nas primeiras partidas. Novamente, pai e filho se sentiram traídos. Herói da conquista no Maracanã, medalha de ouro no peito, "Juninho", como é chamado pela família, repetiu um histórico desabafo de Zagallo: "Vocês vão ter que me engolir". Mais do que Galvão, quem realmente incomodava o atleta era o comentarista Walter Casagrande Jr. Em 2018, Casão chamou-o de "mimado", e, em resposta, foi tratado como "abutre". O repórter Mau-

Cai-cai na Copa do Mundo de 2018, na Rússia, é a imagem emblemática deixada para a posteridade, e que ele quer reverter a todo custo

ro Naves, próximo da família do craque, era o responsável por tentar apagar o fogo. Ironicamente, ele acabaria demitido da Globo após 31 anos, por envolvimento no caso Najila (o jornalista teria intermediado o contato do pai de Neymar com um advogado da modelo, sem noticiar o caso).

Houve inúmeras tentativas frustradas de reaproximação. No ano passado, Galvão chamou Neymar de "idiota", sem perceber que seu microfone estava ligado. A demissão de Casagrande, no mês passado, representou alívio no clã do jogador. "Hoje a relação está melhor, quem incomodava não incomoda mais", diz um membro do estafe. A PLACAR, Casão mantém sua posição. "Critiquei o que merecia ser criticado. Ele é mimado mesmo", crava. "As críticas a ele não são injustas. Neymar paga o preço por ter escolhido ser mais celebridade do que jogador e de ser debochado."

Como era de esperar, os gols e títulos rarearam em meio a tantas confusões. Até mesmo a relação com o pai estremeceu, como mostra a série *O Caos Perfeito*, da Netflix. A todo momento, o empresário se vangloria da "gestão" do talento do filho, enquanto a mãe, Nadine, e os populares "parças" aparecem como uma espécie de refúgio espiritual. Em uma cena emblemática, Neymar fica entediado diante de uma apresentação de slides na qual o pai apresenta os planos para a empresa Neymar Sports Marketing (NR Sports). O atacante é tratado como principal *asset* (ativo, em inglês) e posterior "sucessor" do pai, algo que o herdeiro rejeita de cara. "Antigamente tínhamos uma relação mais de

A caminho do Catar as interrupções em janelas específicas para fazer o que faz desde a adolescência, sem parar: publicidade

pai e filho, hoje acho que a gente se distanciou, é uma relação mais profissional", diz. Na série, Neymar tenta passar a imagem de alguém despreocupado com a mídia. "F***-se o que vão pensar de mim", diz. No entanto, não consegue esconder seu ressentimento com as críticas, a ponto de ter escolhido a recordada previsão do técnico Renê Simões, em 2010, sobre estarmos "criando um monstro", para abrir a série: "Essa frase aí me fodeu pra caramba!", lamenta. De fato, doze anos depois, ela segue em pauta.

Em nada ajudaram, tampouco, as constantes idas e vindas com a atriz Bruna Marquezine, sua companheira nas duas últimas Copas. A agenda lotada de ambos e as constantes acusações de traição puseram fim ao namoro ioiô. No Catar, Neymar deverá ter a companhia de outra morena, xará e parecidíssima com a ex: a empresária Bruna Biancardi, namorada de Neymar desde o fim do ano passado. Formada em moda, a paulistana de 28 anos vem sendo elogiada pela família do craque. "É discreta, tranquila e ajudou Neymar a amadurecer", diz um colega, que garante que a fase de mulherengo ficou no passado. As poucas fotos postadas pelo casal representam um alívio midiático bem-vindo. Apaixonado, low-profile (nem sempre, claro) e motivado, Neymar esquenta assim os motores para o torneio de sua vida. Até mesmo seu mais célebre desafeto diz confiar na redenção. "Fico feliz de ver que está se cuidando e acredito, sim, que ele pode brilhar e levar o Brasil ao hexa", diz Casagrande. Que as flechadas de Neymar em 2022 sejam certeiras. ■

O TIME COM MAIS PONTOS NO PRIMEIRO TURNO
Corinthians, 2017
47 pontos (em 2003 o Cruzeiro também fez 47 pontos, mas em 23 jogos)

CAMPEÃO:
Corinthians

Há cinco anos, comandado por Fabio Carille, o Timão fez história: terminou o turno invicto, com catorze vitórias e cinco empates

PONTOS (CON)CORRIDOS

O Palmeiras largou na frente no primeiro turno do Brasileirão 2022 e desponta como favorito ao título. Será que, na vigésima edição seguida do modelo sem mata-mata, algum time conseguirá virar o jogo?

Enrico Benevenutti e Klaus Richmond

Bastou ao Palmeiras uma vitória magra sobre o América-MG, em Belo Horizonte, pela 18ª rodada da atual edição do Brasileirão, para assegurar a conquista antecipada do primeiro turno da competição. Não houve, é claro, troféu, volta olímpica ou grande barulho nas redes sociais. Ao encerrar a primeira metade do torneio no topo, o Verdão quer agora repetir a trajetória de sucesso vivida pela maior parte dos campeões na era dos pontos corridos, iniciada em 2003. Dos dezenove campeonatos finalizados com esse modelo, sem mata-mata, portanto, em catorze ocasiões o líder ao final das primeiras dezenove rodadas ficou com a taça. "Não significa nada, é simbolismo puro, irrelevante", resumiu em tom cauteloso, ainda no gramado, o meia palmeirense Gustavo Scarpa, autor do único gol diante do Coelho.

O time ainda voltou a vencer na última rodada (2 a 1 sobre o Internacional no Allianz Parque) e fechou o ciclo com 39 pontos, 4 à frente do vice-líder, Corinthians, 5 acima do Fluminense e 7 do Atlético-MG. Convém, contudo, como diz o ditado, informar que cautela e canja de galinha não fazem mal a ninguém. Desde 2003, cinco líderes ao fim do primeiro turno perderam o título: Grêmio, Inter, Galo e São Paulo, duas vezes *(veja no infográfico ao lado)*.

Tudo somado, é o caso de lembrar de uma máxima do treinador Guardiola, então treinador do

O TIME COM MENOS PONTOS NO PRIMEIRO TURNO
Chapecoense, 2021
7 pontos

(A CHAPE CAIU)

Buraco sem volta: afundada em grave crise financeira, a Chapecoense teve cinco treinadores e acabou rebaixada para a Série B

OS LÍDERES NO PRIMEIRO TURNO QUE NÃO FORAM CAMPEÕES*
Atlético-MG, 2012
43 pontos

CAMPEÃO:
Fluminense

Começou bem, terminou mal: o Galo de Ronaldinho não manteve o ritmo em 2012

Grêmio, 2008	**São Paulo, 2018**	**Internacional, 2009**	**São Paulo, 2020**
41 pontos	41 pontos	37 pontos	37 pontos
Campeão: São Paulo	Campeão: Palmeiras	Campeão: Flamengo	Campeão: Flamengo

* Na ordem de quem fez mais pontos na primeira metade

Bayern de Munique: "Títulos de liga são ganhos nos últimos oito jogos, mas eles são perdidos nos primeiros oito. Claro, você pode perder alguns pontos, mas não tantos. Dois ou 3 pontos atrás, 4 no máximo, é tudo que qualquer time pode admitir ao final de oito rodadas". Ao final da oitava rodada do Brasileirão 2022, quem estava na ponta da tabela era o... Palmeiras (15 pontos, ao lado de Galo e Timão, mas com vantagem no saldo de gols).

Portanto, dá para cravar que o bicampeão da Libertadores, líder depois de oito rodadas e campeão do turno já ganhou? Não. O Campeonato Brasileiro é imprevisível e disputado como nenhum outro no mundo. No ano passado, ao final da oitava rodada, o Red Bull Braganti-

A MAIOR VIRADA DE UM CAMPEÃO
(Time que estava mais distante ao fim do primeiro turno e acabou com o título)
Flamengo, 2009
Tinha 29 pontos, 8 atrás do líder, o Internacional

Arrancada fulminante: o Flamengo de Adriano, artilheiro do campeonato com 19 gols, tirou a maior diferença no returno até hoje

no era o líder. Na sexta posição, 5 pontos atrás, vinha o Atlético-MG (que acabaria quebrando um jejum de cinquenta anos para se tornar o campeão com duas rodadas de antecedência). No ano anterior, 2020, o Inter estava no topo da tabela, com 17 pontos, após oito jogos. Eram 3 de diferença para o futuro campeão (Flamengo), então quinto colocado. O mesmo ocorreu em 2019 e 2018. Só o Corinthians de 2017 estava na frente após oito rodadas (e também ao final das 38).

A era dos pontos corridos teve seu pontapé inicial em 2003, um ano depois de sair formalmente do papel. O Brasileirão de 2002 mal havia começado — estava na quarta rodada — quando o então presidente da CBF, Ricardo Teixeira, surpreendeu ao oficializar uma movimentação que já vinha sendo costurada nos bastidores: extinguiu o Rio-São Paulo e a Copa dos Campeões para anunciar um torneio nacional com a nova fórmula, saltando de quatro para oito meses de duração.

Os pontos corridos, contudo, só se firmaram realmente, e desde então não se discute sua relevância, a partir de 2006, com o atual formato de vinte participantes (com quatro rebaixados a cada temporada). Em 2003 e 2004, eram 24 times e muitos se queixavam do excesso de jogos. Em 2005 o número caiu para 22 equipes, mas o esquema de manipulação de resultados (que teve como pivô o ex-árbitro Edilson Pereira de Carvalho) obrigou os clubes a refazerem várias partidas.

A manutenção do modelo de disputa ajuda a alimentar as estatísticas. Assim, é possível saber qual time fez mais pontos no primeiro turno (recorde que ainda pertence ao Corinthians de 2017, com incríveis 47 pontos, 82,5% de aproveitamento) e qual fez menos (triste marca registrada pela Chapecoense no ano passado, com apenas 7 pontos, 12% de aproveitamento). Desempenhos como esses não são possíveis de desfazer (ou recuperar) no segundo turno. Mas alguns milagres acontecem.

Foi o que se viu com o Goiás, em 2003; o Paraná Clube, no ano seguinte; e o Fluminense, em 2008. Todos estavam na lanterna no fim do primeiro turno e conseguiram escapar da Série B. No ano seguinte, o tricolor carioca ficou quase toda a metade final do torneio como o maior favorito ao rebaixamento,

Milagres acontecem: o Fluminense ficou na corda bamba para cair em 2008 e 2009, mas se salvou antes do soar do gongo

com 99% de probabilidade de queda. Tinha terminado a primeira fase com apenas 15 pontos — mas se salvou na última rodada, com uma combinação de resultados.

É mais ou menos isso que move a torcida do Fortaleza agora. O time não conseguiu engrenar nas dezenove rodadas iniciais e terminou com 15 pontos (só três vitórias e seis empates), na lanterna. Precisa reagir fortemente para não cair. Para se salvar da degola, não há um número 100% mágico, mas a estimativa varia entre 42 e 46 pontos. Em 2009, o Coritiba caiu com 45, enquanto o Náutico escapou um ano antes com 44. Em 2021, o Grêmio foi o primeiro dos rebaixados, com 43. De qualquer forma, o Leão vai precisar de quase 30 pontos no returno (o dobro da primeira metade).

Na outra ponta, o torcedor acredita na arrancada final irresistível, para atropelar os favoritos. Até hoje, a maior diferença já "buscada" no segundo turno foi a do Flamengo de 2009, que estava 8 pontos atrás do Inter depois de dezenove jogos e se sagrou campeão. Na atual temporada, é exatamente essa distância que separa os Palmeiras do quinto colocado, o Athletico-PR. Ou seja, a esperança de flamenguistas, colorados (e todos os outros) reside na quebra desse recorde. Haja fé.

O histórico de duas décadas de pontos corridos alimenta também as projeções. O matemático que ficou mais conhecido nesse período é Tristão Garcia, do Infobola. Outros que não têm medo de dar a cara a tapa e indicar probabilidades são professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Gilcione Nonato Costa conta que começou a fazer as estimativas em 2004, quando o Atlético-MG, seu time de coração, estava para cair. "Passei a fazer contas jogo a jogo para ver se ele conseguiria se salvar", lembra. Curiosamente, as estatísticas (um software projeta até 2 milhões de probabilidades a cada rodada) são publicadas desde 2005, justamente o ano em que o Galo foi rebaixado. No ano seguinte, os cálculos foram ampliados para a disputa da Série B. Com (ou sem) ajuda dos computadores, o fato é que o campeonato só acaba quando termina, no caso, dia 13 de novembro, com o devido pedido de desculpa pelo chavão. Até lá, é torcer e torcer. ■

A SELEÇÃO DO PRIMEIRO TURNO

A redação de PLACAR escolheu os onze melhores jogadores das dezenove rodadas iniciais do Brasileirão — além do técnico número 1. Será difícil desbancá-los

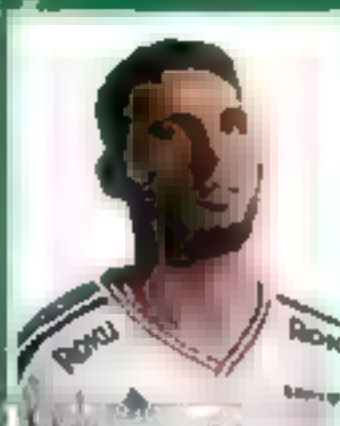
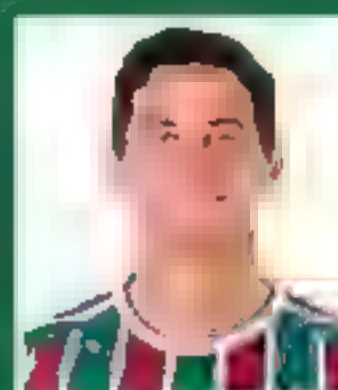
GUSTAVO SCARPA (Palmeiras)

Pode jogar como meia, em qualquer uma das pontas e até na lateral. É arma letal com seus cruzamentos e na bola parada — é o líder de assistências do campeonato. Foi o melhor jogador do primeiro turno

GERMÁN CANO (Fluminense)

O atacante argentino não se cansa de fazer o L (a comemoração com a mão em homenagem ao filho Lorenzo). Artilheiro do turno com 12 gols, o atacante de 34 anos tem o dom de balançar as redes.

CALLERI (São Paulo)

Outro argentino raçudo e bom de bola, o centroavante de 28 anos marcou 9 vezes em 17 jogos e é peça-chave no time de Rogério Ceni. A torcida tricolor quer seguir cantando: toca nele que é gol.

PAULO HENRIQUE GANSO (Fluminense)

Aos 32 anos, o meia canhoto de rara visão de jogo reencontrou sua melhor versão sob o comando de Fernando Diniz. Em 16 jogos, somou 2 gols e 2 assistências — e alguns lances de magia *(leia na pág. 28)*.

O TREINADOR

ABEL FERREIRA (Palmeiras)
Multicampeão e ídolo histórico, o técnico português encontrou em 2022 sua versão mais vistosa e dominante. O líder Verdão é o time que mais finaliza e marca (foram 31 gols, 13 de bola parada). E é, claro, bicampeão da Libertadores.

MARCOS ROCHA
(Palmeiras)

Campeão nacional em 2018 pelo clube, o experiente lateral de 33 anos vive, novamente, um grande momento na carreira depois de deixar as lesões para trás. É titular absoluto e terminou o turno com três assistências diretas para gols.

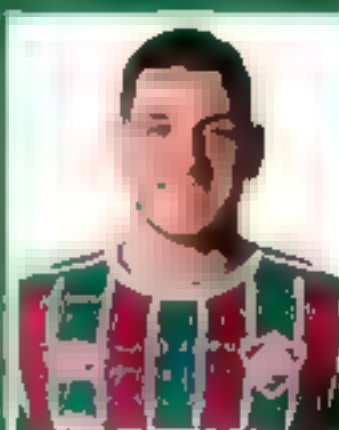
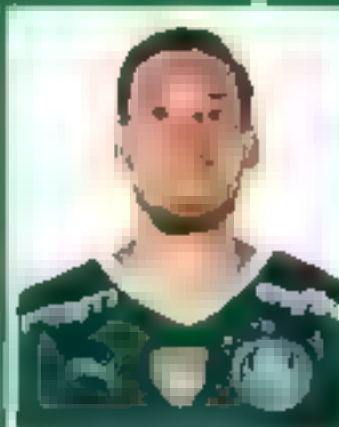
Cria do terrão corintiano, o jovem de 22 anos virou o motorzinho da equipe. Foi bem como lateral e primeiro volante até fazer suas melhores exibições como segundo meio-campista.

DU QUEIROZ
(Corinthians)

Aos 25 anos, o defensor é peça fundamental na incrível ascensão na temporada do tricolor carioca. Atuou em 14 dos 19 jogos do primeiro turno e forma elogiada dupla ao lado de Manoel.

NINO
(Fluminense)

CÁSSIO
(Corinthians)

Bicampeão brasileiro, o ídolo alvinegro começou a temporada contestado, mas retomou a boa fase e, aos 35 anos, é um dos destaques do vice-líder ao término da primeira metade do torneio; fez 16 jogos e sofreu 12 gols.

Além da já conhecida regularidade defensiva, o capitão palmeirense terminou o primeiro turno com 7 gols. Tem média de artilheiro: 0,5 por jogo, em 14 partidas disputadas.

GUSTAVO GÓMEZ
(Palmeiras)

ANDRÉ
(Fluminense)

Aos 21 anos, a revelação tricolor se consolidou como peça fundamental do time. Fortíssimo na marcação e com desenvoltura para sair jogando, ele faz o simples e facilita o trabalho dos companheiros.

ARANA
(Atlético-MG)

Pilar da conquista do título do Galo em 2021, aperfeiçoou o lado garçom na atual temporada: 8 assistências, ante 7 no último ano. Fez 14 partidas na primeira metade do torneio.

O craque voltou
Ganso revive no
Flu os melhores
momentos pelo
Santos e São Paulo

O ÚLTIMO ROMÂNTICO

Lento, bichado, desligado, velho, ultrapassado... Ganso ouviu críticas durante quase toda a carreira. Novamente em alta, o camisa 10 do Fluminense, aos 32 anos, nos leva a uma recomendação fundamental: contemple o craque enquanto é tempo

Klaus Richmond, de Santos

Ciro foi o meu primeiro ídolo no futebol. Lembro bem dele, apesar de nunca ter lhe dirigido uma só palavra. Era alto, certamente mais de 1,80 metro, bem magro, tinha cabelos encaracolados, barba por fazer e uma voz rouca. Eu o vi pela primeira vez num campo de várzea, em Santos, com 6 anos, enquanto estava agarrado à perna do meu pai. Ele chegou atrasado para uma partida neste dia: "Ô, Ciro, tu é f..., hein", ouviu. Eu só observava. O time já aquecia em campo, quando pisou pela primeira vez no gramado vestindo a camisa 10. Era o mais puro talento com a bola nos pés. Acabou com o jogo e distribuiu classe por cada metro que percorreu do campo. Lembro que guardei o nome dele na cabeça e sempre que havia uma nova partida, logo perguntava: "E o Ciro vem?" O estilo me marcou. Anos depois, eu o vi sentado em um ônibus. Tive, por alguns segundos, a esperança de ele me reconhecer. Não aconteceu. Ciro não era um jogador profissional, não distribuía autógrafos pelas ruas, não parecia ser rico, mas foi o primeiro exemplar de 10 clássico que vi na vida. E jamais esqueci.

Paulo Henrique Ganso é como Ciro (ou Ciro, na verdade, é tipo um Ganso). Um craque quase em extinção. Meia cerebral, daqueles que raramente erram passes. Põe refino a cada jogada e faz aparecer um leve toque de calcanhar em uma disputa truncada no meio de campo. Enxerga companheiros onde muitas vezes nem mesmo pela televisão conseguimos ver. É dos que parecem ver o tempo passar em uma partida diferente dos demais, com um relógio próprio, mas escuta há uma década: lento, bichado, não corre, não serve, não tem vontade, ultrapassado, não pode ser profissional.

Aos 32 anos, e elogiado novamente por grandes atuações pelo Fluminense na atual temporada, Ganso parece, enfim, despertar um novo olhar dos torcedores: o de contemplação. O mesmo que eu tive por Ciro e, provavelmente, o mesmíssimo que você cultiva pelo seu 10 preferido. Faz bem à saúde do amante de futebol contemplar um craque enquanto é tempo. Sem preconceitos, sem reservas, sem cobranças, sem comparações, sem rótulos. É bom, então, fazermos isso, porque Ganso pode ser o último romântico. "O Ganso faz pouco gol, o Ganso não dá assistência. As

"O medo de perder inibe os novos 10"

Ganso é sincero. Craque com a bola nos pés, o meia acha que ainda há outros talentos como ele no país — mas a cultura do futebol precisa mudar

Ainda temos os típicos camisas 10 no Brasil? Eu acho que sim, mas os treinadores têm muito medo de perder hoje e isso inibe o surgimento. Entenda: o cara fica sem vencer três partidas e é mandado embora. Vai colocar mais um volante ou um meia? Vai colocar o time para marcar ou jogar bonito? Precisamos lembrar que a proposta do jogo é ganhar e com excesso de força física você fica muito mais distante disso. O futebol brasileiro sempre teve mais qualidade técnica do que força. Hoje, temos pouquíssimo improviso nos jogos, falta muito isso.

Então isso passa diretamente pela cultura dos treinadores? Cada um tem sua maneira de treinar. O Fernando *(Diniz)* deixa o cara à vontade e tem prazer de ter a bola. Junta isso com a confiança que ele passa para cada um, é algo perfeito. Ele lembra muito bem a essência do futebol brasileiro e, por isso, acabamos conseguindo sempre ter uma ótima conexão. Eu aprendo todos os dias com ele, sem exageros. Ele sempre traz algo novo, não vou falar abertamente o que, mas são coisas que ele fala e que, de fato, acontecem em campo.

E o que tem achado do nível do futebol brasileiro? Acompanho os times

Ao lado de Neymar parceiro dos tempos de Santos o atacante do PSG constantemente reverencia o companheiro do início de carreira

pessoas falam tantas coisas...", ri o jogador, em entrevista a PLACAR *(leia os principais trechos no quadro)*. "É curioso porque já cansei de ser chamado por torcedores adversários que falaram: 'Nossa, cara, mas como você corre'. Eu tenho muita autocrítica. Quem me conhece um pouco sabe bem disso. Quero chegar mais na área, por exemplo, chutar mais no gol, mas sei também que cada um tem sua maneira de jogar. O Fernando *(Diniz)* me lembra a todo o instante disso. Sou o que sou", completa.

Ganso, de fato, é o que é. Em coluna na *Folha de S.Paulo*, em 16 de julho, Tostão pôs o dedo exatamente nesta ferida: "Ganso é Ganso, do seu jeito", resumiu. Tostão explicou que o craque do Fluminense não preenche quase nenhum dos pré-requisitos esperados para um jogador que atua em sua posição, que provavelmente nunca mais será convocado para a seleção brasileira nem atuará por um grande europeu, mas resumiu ao fim: "Como é agradável vê-lo jogar". Simples assim. "Hoje sinto muito prazer em jogar futebol. Estou leve e solto no Flu, mas tudo depende muito de como você joga e do ambiente de onde você está, também, isso pesa. Joguei a vida toda para estar com a bola e quando chego ao profissional eu fico sem? Na minha visão não faz nenhum sentido. Enquanto eu tiver

em que atuei como Santos, São Paulo, mas quem mais me chama atenção hoje é o Palmeiras. Gosto de ver o Palmeiras pela forma como joga. É o time que mais sabe unir a qualidade técnica com a competitividade. Eu vejo com o olhar de quem quer aprender também. Sempre dá para tirar um pouquinho daquilo a que assistimos. Gosto de ver a Premier League e quero voltar a ver o Italiano, o que menos tenho acompanhado ultimamente.

Falando em Europa, muitos tinham a expectativa que fizesse longa carreira por lá. Se frustra por isso? Eu sou plenamente satisfeito com tudo o que aconteceu, com tudo o que aprendi e vivenciei. Sinto que hoje sou muito melhor do que era há alguns anos. Talvez, de verdade, se pudesse voltar eu desfrutaria mais dos bons momentos que tive em vez de me envolver tanto na parte fora de campo. É aquilo: quer saber? Se der certo, deu. Eu hoje teria falado menos do que falei.

Além de Arrascaeta, Veiga, Nacho, alguém mais entraria na sua lista pessoal de camisas 10? Tem alguns meninos surgindo, também, como o Arthur da base do Flu. Ele já treinou algumas vezes com o profissional. O Palmeiras tem uma grande safra também, mas nenhum típico camisa 10. Outro que gosto bastante é o Luiz Henrique, o Luizinho, da base do São Paulo.

Você hoje raramente dá entrevistas. Como lida com as críticas? Posso ser sincero? Não acompanho nada. Minha esposa até briga que preciso postar mais, estar mais ligado com tudo isso.

No tricolor, em grande fase desde a chegada de Fernando Diniz

isso *(a bola)*, vou ter prazer. Se vou só para ficar correndo, aí é atletismo e paro", explica.

A camisa 10 que aprendemos a olhar como mítica a partir de Pelé e que contemplamos por tantas vezes nas costas de nomes como Rivellino, Zico, Maradona, Platini, Zidane, Totti, Messi e tantos outros craques está em extinção — e não é exagero. Que fique claro: Ganso não está no mesmo patamar desses cracaços, mas é o exemplar no país que mais nos faz lembrar de jogadores assim. A preocupação pela extinção dos típicos 10 já foi externada por Andrés D'Alessandro, ídolo do Inter, aposentado dos gramados no último dia 17 de abril. D'Ale disse à *Folha de S.Paulo*, em 3 de maio, que "o antigo 10 se perdeu um pouco". A justificativa do argentino é simples: uma adaptação quase forçada dos meias para um futebol jogado em extrema velocidade e intensidade. "Por mim, teria sempre um no time, que pensa, que cadencia o jogo, que administra os momentos da partida", acrescentou.

"Será mesmo que não temos um 10 na base? Eu acho que tem, mas depende muito dos treinadores. Vocês querem resgatar o 10 ou manter empregos? Essa precisa ser a pergunta", indaga Ganso, que diz dividir a condição com alguns nomes do futebol brasileiro. "Tem o Arrascaeta e o Veiga, que gosto muito de ver assistir. Tudo bem, talvez o Veiga não seja bem um 10 e mais um meia-atacante que finaliza jogadas, mas pode ser esse cara, também, se trabalhado. Talvez o Nacho Fernández, do Galo, mas no caso dele ainda prefiro quando atua como um segundo homem de meio, terceiro...", analisa.

Ganso vive no Fluminense o melhor momento desde a chegada ao clube, em janeiro de 2019, depois de rescindir com o Sevilla e uma passagem-relâmpago por empréstimo pelo modesto Amiens, da França. Na ocasião, enquanto torcedores do Flu comemoravam, rivais cutucavam dizendo que o clube havia contratado mais um ex-jogador em atividade. No primeiro ano, foram 47 jogos, cinco gols, assistências, alguns lances geniais, mas um decreto da opinião pública ainda teimava em rondá-lo: ele nunca será o que se

Apesar do talento, muitas vezes você foi noticiário pelo extracampo. Discussão de contrato com o Santos, a briga com Oswaldo de Oliveira... É o que vende, não é? *(risos)*. Naquela final do Paulista de 2010, entre Santos e Santo André, imagine se a bola do Santo André que bateu na trave no finzinho entra? Mudaria a minha vida, pois tinha dito não ao Dorival. Mas tudo o que acontece resulta em um aprendizado. O mesmo foi com o Oswaldo. Estava tudo muito quente, não dava para falar por favor. O Muricy muitas vezes xingava, o Fernando para ajudar alguém é assim também. Uma vez assistindo a uma entrevista o Bielsa disse que nessa relação entre jogador e treinador aceitamos de tudo, só não toleramos a mentira. É isso.

O futebol ficou mesmo mais difícil de ser jogado, com menos espaços? Não está não, está até tranquilo demais. Correr todo mundo corre, isso é protocolar. O diferencial hoje é a técnica. Não dá para me pedir para correr como lateral, por exemplo. Todos têm a sua função dentro de campo. Eu sou o cara que me divirto ao jogar. Muitas vezes o torcedor do Flamengo, do Palmeiras e de outros clubes me chamam depois dos jogos só para dizer quão prazeroso era me ver em campo. Gostaria que fosse mais comum no futebol brasileiro, que os torcedores tivessem mais alegria nas partidas. Precisamos recuperar isso, independentemente de o clube ter ou não uma boa condição financeira. O futebol precisa ser melhor tratado.

E por que insistem tanto em dizer que você é lento? Criou-se um rótulo e as pessoas compram isso, pois veem

Na seleção somente oito jogos e a medalha de prata olímpica em 2012

projetou. "Tem coisas no futebol que aprendi: você não tem que falar, melhor ficar quieto. Quando via alguma coisa errada, eu ia lá e falava. Hoje, tento me segurar, me controlar mais. Tem coisas que, infelizmente, no futebol temos que deixar passar. A minha personalidade e a minha sinceridade me trouxeram prejuízos também. Fui aprendendo com a vida", diz

Desde que deixou o Santos, em uma polêmica transferência ao rival São Paulo, em 2012, Ganso convive com sombras. A principal delas, sobre o seu corpo. Dias depois da saída da Vila Belmiro, onde viveu os melhores momentos da carreira, saiu no noticiário uma declaração do então presidente do Santos, Luis Álvaro Ribeiro, de que ele tinha uma lesão incurável. Dias depois, o dirigente, já falecido, recuou e negou a fala. O relacionamento com o próprio corpo, de fato, foi um aprendizado. Antes mesmo de subir ao profissional, em 2007, sofreu uma grave lesão ligamentar, com lesão associada no menisco do joelho direito. Anos depois, quando já havia chegado à seleção, em 2010, e desfrutava momento mágico no Santos ao lado de Neymar foi a vez

muito menos jogos no estádio hoje. Faz parte da profissão. Como vou me defender que dei errado na Europa, por exemplo? Eu tinha gols e assistências até altas para a função que exercia na primeira temporada. Na segunda, começamos bem, vencemos quatro ou cinco primeiros jogos. Eu tinha novamente gols, assistências, mas sem mais nem menos implementaram um rodízio que só era aplicado para mim. Eu saí, não voltei mais a ser titular. Mas quem quer ouvir essa parte? É mais fácil abrir o site de estatísticas e dizer, o Ganso foi um fiasco.

Você está com 32 para 33 anos e diz que ainda quer jogar mais. Planeja fazer o que quando parar? Eu já tive muita vontade de fazer medicina. Aliás, alguns sabem, quase larguei o futebol para fazer medicina, mas o meu pensamento hoje é o de permanecer no futebol. Quero me tornar treinador. Comecei na CBF Academy a licença B, mas ainda preciso concluir. Não tive como terminar a parte prática pelo tempo. O pensamento, então, é ser um treinador ou um executivo. Se fosse para a segunda opção, gostaria de ser como o Monchi, do Sevilla, mas sei que no Brasil é difícil alguém com carta branca. Por isso, penso mais em seguir como treinador.

Lamenta ter tido tão pouco tempo na seleção? Lamento não ter ganho os Jogos de Londres, em 2012, aquela seleção era fantástica e seria a primeira a conquistar o ouro. Claro que queria ter tido mais vezes, seleção é o auge da carreira e é muito bom estar lá, mas não me lamento pelo que passou. Aproveitei, estive ao lado de Ronaldinho, Neymar...

Nas capas de PLACAR: protagonismo há mais de dez anos, mas contestado

do esquerdo, diante do Grêmio, no Olímpico. Logo no retorno, em 12 de março de 2011, entrou no segundo tempo e precisou de apenas dez minutos em campo para decidir a partida diante do Botafogo-SP. Ainda repetiu atuações de cinema no clube e no São Paulo antes de rumar à Espanha, em 2016.

"São muitas marcas, cicatrizes, mas graças a Deus o meu corpo está bem. Posso me machucar? Claro, é normal no ritmo de futebol em que estamos, mas penso a cada dia em aumentar a minha carreira. É uma luta diária do atleta. Passei a entender muito melhor os sinais, por exemplo. Vínhamos de uma sequência de jogos e senti algo estranho quando fui bater um escanteio contra o Palmeiras. Pedi para sair, pois sabia que se ficasse o estrago seria maior. Perdi um grande jogo? Sim, mas tenho certeza de que me custaria muito mais se não tivesse saído ali", afirma.

Paulo Henrique Chagas de Lima carrega como apelido, curiosamente, um jargão futebolístico que nem de longe se enquadra. É utilizado para definir um jogador de poucos recursos técnicos. Ele herdou o Ganso há dezessete anos, em 2005, quando chegou à base do Santos para uma avaliação vindo da Tuna Luso. Um antigo roupeiro do clube brincava sempre que via novos candidatos: "Lá vem mais um ganso fazer um teste". Ganso contrariou as expectativas e fez do apelido em tom jocoso um estímulo por menos operários e mais craques. "O Rogério Ceni falou num programa de televisão, em 2014, que jogo como o Federer no tênis. Que não faço força, que tudo para mim é suave. Eu faço tudo naturalmente, simples, tento resolver em um passe. O Cruijff dizia: 'Jogar futebol é muito simples, mas é difícil jogar de forma simples'. Vi muitos fazerem isso: o Alex, hoje treinador, o Rogério, mesmo sendo goleiro, o Neymar, um gênio, o Kaká, de quem sou fã até hoje, o Ronaldinho Gaúcho e o Fenômeno. Muita gente lembra do golaço de cobertura que fez na Vila, em 2009, mas e o domínio? E finalizar com as duas pernas? Isso para mim é incrível", relata.

Como um bom quadro, Ganso é arte. Aprecie, mas sem torcer previamente o nariz ou reproduzindo opiniões que provavelmente já ouviu de alguém. Sem pressão, e enquanto é tempo: contemple o último romântico. ■

Nem pelo fato de não ter conseguido estender a parceria com Neymar? Recentemente ele disse que a Copa do Catar pode ser a última dele. Eu acredito muito, de verdade, que estamos perdendo prazer com as coisas que fazemos no dia a dia. O prazer do dia a dia, do treinamento... Jogar acaba virando só uma profissão porque o extracampo é muito vigiado, muito difícil. O Neymar sempre foi dessa forma, sempre. Ele sempre teve um extracampo agitado, mas quando começamos não tinha tantas câmeras. No dia a dia? Ele sempre treinou de forma incrível e profissional. Além de ser fantástico, carismático e genial. Vão falar o que dele em campo? Foi campeão de tudo no Santos, no Barcelona, na seleção e no PSG. A Champions pelo Paris, claro, seria a cereja do bolo, mas ele se dedica, se entrega e é ruim vê-lo perdendo um pouco da alegria. Na última temporada para mim foi nítido que estava ali por profissão, não por prazer. Espero que recupere isso, que jogue essa Copa e a próxima. O futebol precisa de jogadores como ele, seria ruim demais não vê-lo em campo. Que ele tenha alegria sempre.

É preciso, então, aproveitarmos mais o futebol? Sim, enquanto há Messi, Neymar e tantos outros, aproveitem. E que possamos resgatar mais isso na base também. Para sermos campeões novamente, precisamos voltar à nossa essência, ao futebol bem jogado. Aprendemos o tático? Sim, mas isso todos estudam e aprendem. Existem vídeos, escolas, livros e muito material acessível. Isso está praticamente igual. Precisamos do diferencial: a técnica.

HAJA , AMIGO!

Já não basta ser craque dentro de campo. Estrelas da bola, do passado e do presente, são levadas a mergulhar no universo insaciável das redes sociais para chamar atenção (e ganhar dinheiro) entre os influenciadores digitais

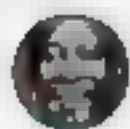
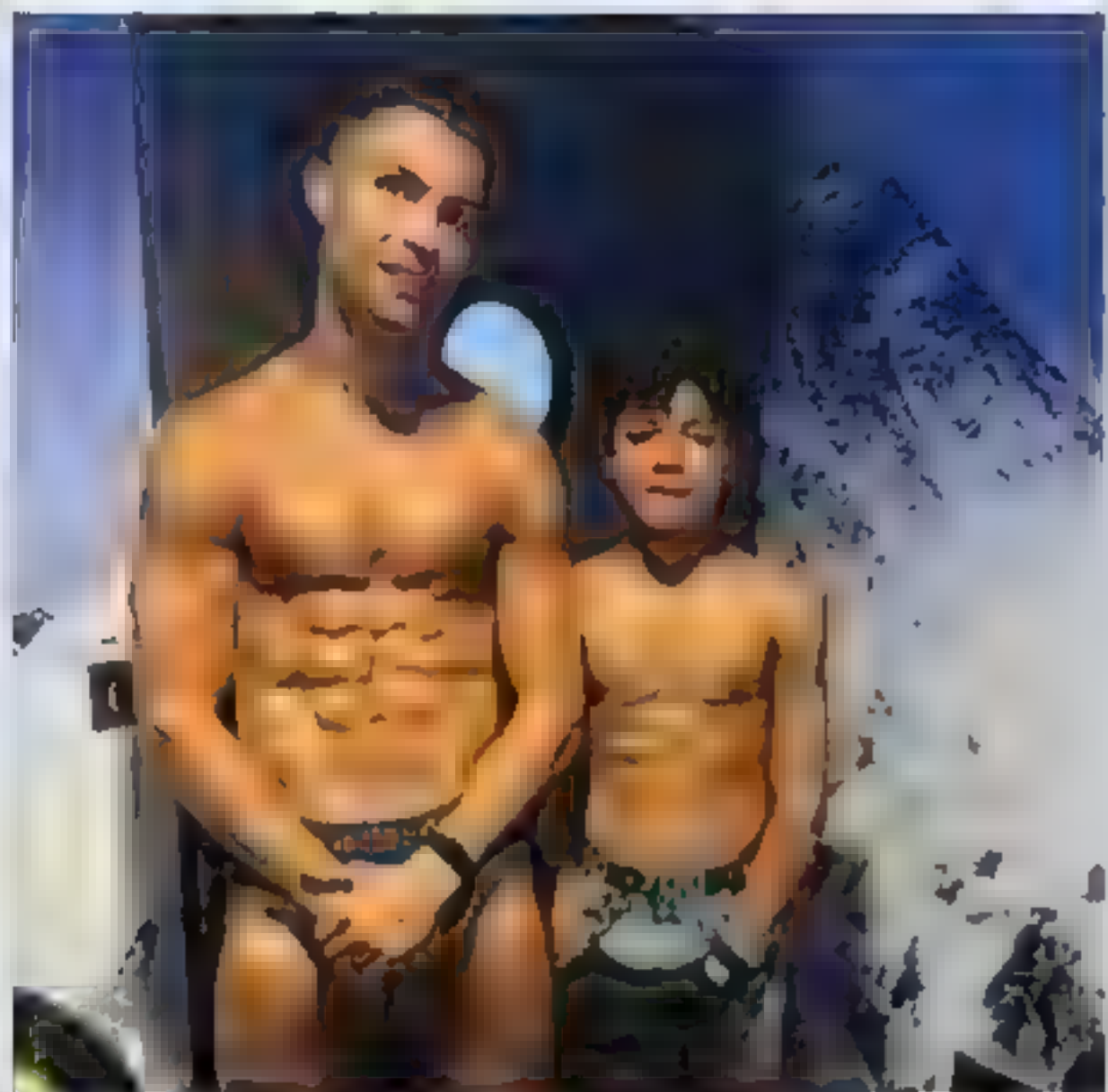
Luiz Felipe Castro

Maior artilheiro da história da Liga dos Campeões, da Eurocopa, do Real Madrid e da seleção portuguesa, entre outras marcas históricas, Cristiano Ronaldo adicionou em 2022 mais um recorde à sua lista: tornou-se a primeira personalidade a alcançar 400 milhões de seguidores no Instagram. Mesmo longe de sua melhor fase nos gramados, o craque de 37 anos segue atraindo uma multidão de curiosos, ávidos por saber mais de sua intimidade e de sua família, ou mesmo admirar suas fotos com pouca roupa. O número já está em 469 milhões e contando. Seu eterno antagonista Lionel Messi não fica muito atrás. É o terceiro colocado no ranking, com 352 milhões de admiradores — a empresária (?) Kylie Jenner, do clã Kardashian, completa o pódio, com 360 milhões. No Brasil, os mais seguidos são Neymar e Ronaldinho Gaúcho, acompanhados da cantora Anitta. Nenhum produto cultural mexe tanto com as emoções dos fãs como o futebol e, mesmo tendo largado depois das indústrias da música, do cinema e da moda, o esporte mais popular do planeta já dominou também o terreno dos chamados *influencers*.

Sim, a boleirada é parte relevante do time de influenciadores digitais, figuras que produzem conteúdo e atraem anunciantes na internet com discursos motivacionais um tanto tolos, propagandas ou simples fotografias, e assim moldam a forma de pensar e agir de milhões de pessoas. Um recente estudo realizado pela Nielsen colocou o Brasil como protagonista desse universo. Existem no país mais de 500 000 contas nas redes sociais com pelo menos 10 000 seguidores. O número supera o total de engenheiros civis e iguala-se ao contingente de médicos. Os megainfluenciadores podem ganhar fortunas — 600 000 reais em apenas uma campanha publicitária. Praticamente todo atleta profissional, seja de um gigante europeu, seja de um time pequeno do interior, tem rede social ativa, a maior parte com acompanhamento profissional.

Se no passado recente os jogadores passavam pelo chamado media training (treinamento para evitar falar bobagens com a imprensa e se meter em confusões), hoje a tecnologia permite a criação de um ambiente ainda mais controlado, um espaço ilimitado para falar o que quiser, como quiser e quando quiser. Curiosamente, quem está mais em alta são aqueles perto de pendurar as chuteiras. "A carreira em campo é curta, mas os jogadores consagrados que prepararem bem o terreno podem seguir ganhando muito dinheiro com a própria imagem", diz Bernardo Pontes, sócio da Alob Sports, empresa que tem entre seus contratados os meias Willian, do Corinthians, e Diego Ribas, do Flamengo. Aos 37 anos, o rubro-negro usa da bela estampa para se apresentar a seus mais de 5 milhões de seguidores como atleta, palestrante, escritor e fundador da MindPlayer, uma escola de inteligência emocional para esportistas.

No feed dos craques, para cada imagem de jogo ou treino há alguns momentos intimistas, como viagens com a família ou o futevôlei com os parças, porque ninguém é de ferro. A guinada nos números de CR7, Messi, Neymar e companhia deu-se justamente nessa virada do conteúdo, cada vez menos institucional — lembrando que todos querem sempre se mostrar não apenas como ricos e felizes, mas também generosos,

O baiano Luva de Pedreiro e seu mote, "Receba!": denúncias de exploração pelo empresário

O rei do futebol e o craque português que dominam a fama como muitos poucos: no Instagram, um inescapável modo de comunicação

alegres, compreensivos e conectados com as demandas mais recentes. "O público não quer ver nas redes o que já está disponível na TV ou no estádio, o que importa é justamente o lado humano", diz Ricardo Dias, fundador da Adventures, empresa de mídia esportiva que trabalha com estrelas do calibre de Tom Brady, o "Pelé do futebol americano".

Falando no Rei, ele próprio não perdeu o tino para os negócios e, perto de completar 82 anos, conseguiu atrair uma nova geração de súditos na internet. Há cinco anos, Pelé reformulou suas redes sociais com o auxílio do americano Joe Fraga, CEO da Sports 10, veterano do marketing que trabalhou com Bill Clinton, ex-presidente dos EUA. Sempre com mensagens em português, inglês e eventualmente outros idiomas, o maior jogador de todos os tempos cumpre um calendário de postagens em datas de destaque, como o Dia da Consciência Negra — no passado, foi criticado por não combater o racismo de forma mais incisiva —, dá detalhes de seu cambaleante estado de saúde e costuma homenagear personalidades de ontem e de hoje. Recentemente, após ter alguns de seus recordes superados em campo, Pelé trocou mensagens carinhosas com Cristiano e Messi. Kylian Mbappé é outro amigo virtual próximo. Assim, a lenda brasileira se conecta com gerações que não tiveram o prazer de vê-lo jogar. O resultado são mais de 9,6 milhões de seguidores.

No espírito de se mostrar como "gente como a gente", a maioria dos atletas ativos nas redes surfa na onda de pautas sociais importantes, como o combate ao racismo e à homofobia e o incentivo à vacinação. O atacante Richarlison, o "Pombo" da seleção, é um dos mais engajados e consegue mesclar com mestria um conteúdo responsável, com pitadas de bom humor. Um tema, porém, dificilmente aparece: a política, ainda mais às vésperas da eleição presidencial mais tensa da história. "Sim, é preferível que o influenciador adote uma postura neutra nesse sentido, para atrair um público mais amplo e se manter longe de polêmicas", diz Bernardo Pontes, da Alob Sports. "Hoje em dia, a estrela do esporte tem seu próprio canal na mão. Ao mesmo tempo que deve humanizar seu conteúdo, precisa se comportar como uma marca, pensar sempre no que é melhor para sua imagem", completa Ricardo Dias, da Adventures.

Não só atletas profissionais compõem o time de *influencers* da bola. Em 2022, o país viu surgir um fenômeno nas redes, o baiano Iran Alves, 20 anos, mais conhecido como Luva de Pedreiro, que ganhou fama mundial ao gravar vídeos jogando num campo de terra batida em Quijingue (BA), sempre embalados pelo bordão "Receba!". O estrelato veio acompanhado de denúncias de exploração por parte de seu ex-empresário. Em meio a uma acalorada batalha judicial, Luva passou a ser agenciado por outro craque das quadras e do marketing, a lenda do futsal Falcão, que lhe prometeu fornecer estudo, acompanhamento profissional e liberdade. Haja curtida, ainda que sejam efêmeras como manda o figurino da internet. ■

UMA BANDEIRA FUNDAMENTAL

A luta por respeito aos direitos e à diversidade LGBTQIA+ ganha cada vez mais força dentro e fora dos gramados, apesar da caretice e dos preconceitos enraizados na sociedade

Guilherme Azevedo

O atacante Cano com a bandeira do arco-íris depois de marcar um gol em junho de 2021 pelo Vasco: imagem que já está na memória como uma das mais marcantes contra a discriminação

Há poucos setores da sociedade tão conservadores quanto o futebol. Não só as regras do jogo são quase imutáveis (o tênis, por exemplo, adotou a tecnologia como aliada na definição de lances difíceis e o vôlei alterou até a forma de contar a pontuação) como também o comportamento de todos os envolvidos no esporte mais popular do planeta é observado, controlado, rotulado. Justamente por isso são extremamente saudáveis os movimentos — cada vez mais recorrentes, embora ainda tímidos — de romper algumas barreiras, dentro e fora de campo. Talvez a maior de todas as batalhas seja contra o machismo. Mas, felizmente, muitos dirigentes, jornalistas e torcedores já entenderam que passou da hora de abraçar a bandeira do respeito e da diversidade. Uma coisa é a competição, outra é o que cada um faz de sua vida. Aceitar isso é estar em sintonia com o mundo. Sem hipocrisia nem falso moralismo.

A foto escolhida para abrir esta reportagem é emblemática desse novo momento. Pode se tornar, no futuro breve, símbolo incontestável do começo dessa transformação. Ela mostra o atacante Germán Cano celebrando um gol do Vasco contra o Brusque, em partida válida pela Segunda Divisão do Brasileirão de 2021. Era 27 de junho, véspera do Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ (sigla formada pela letra inicial das palavras lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexuais, assexuais... e mais). A data homenageia um dos episódios mais marcantes da luta da comunidade homossexual por direitos iguais: a Rebelião de Stonewall Inn. Na madrugada de 28 de junho de 1969, a polícia de Nova York invadiu o bar Stonewall Inn, no bairro de Greenwich Village, para prender os frequentadores — que se rebelaram contra a repressão policial. Os protestos duraram várias noites seguidas e um ano depois foi realizada a 1ª Parada do Orgulho Gay, fixando a data no calendário.

O juiz Igor Benevenuto: "Futebol era coisa de 'homem', e desde cedo eu já sabia que era gay. Não havia lugar mais perfeito para esconder a minha sexualidade"

Naquela partida da Série B, hoje histórica, insista-se, o time vascaíno entrou em campo com um uniforme inovador. A tradicional faixa diagonal preta foi substituída por uma nas cores do arco-íris — assim como as bandeirinhas do escanteio. Ao levantar a bandeira na comemoração, Cano (hoje no Fluminense) mostrou dignidade e, por que não dizer, hombridade. Antes de a bola rolar, o então capitão cruz-maltino, Leandro Castán, apelou para a *Bíblia* numa postagem nas redes sociais e disse ter sido obrigado a vestir a camisa multicolorida. Desnecessário dizer que o Vasco é muito maior do que qualquer um de seus atletas.

A jogadora americana Megan Rapinoe, desabafou na Copa do Mundo de 2019: "Vamos, gays! Não se pode ganhar um campeonato sem gays na equipe, nunca ninguém fez isso"

Tanto é assim que, neste ano, o clube não só foi um dos primeiros a se manifestar publicamente contra o preconceito como instalou uma enorme faixa em São Januário com a frase "Respeito, Igualdade e Diversidade" e, antes do jogo contra o Operário-PR, promoveu um show pirotécnico com as cores do arco-íris.

Antes, em dezembro de 2019, o Bahia havia lançado uma camisa com listras nas cores da bandeira LGBTQIA+. E também a Kappa, fornecedora de material esportivo do Vasco, mudou seu logotipo e, em vez de um homem e uma mulher sentados de costas, colocou dois homens numa das mangas e duas mulheres na outra. "Queremos liderar toda campanha que batalhe por uma sociedade melhor e esse é um conceito que o clube carrega desde sua fundação", afirmou na ocasião

Felizmente, dirigentes, jornalistas e torcedores já entenderam que passou da hora de abraçar a bandeira do respeito e da diversidade

Vitor Roma, vice-presidente de Marketing e Novos Negócios do Gigante da Colina. É claro que houve quem reclamasse, mas a diretoria conseguiu envolver até as torcidas organizadas na iniciativa.

Há caixas de ressonância que se ampliam e pedem atenção, como porta-vozes de uma guinada, discreta, mas necessária. *Nos Armários dos Vestiários*, produzido pelo ge.com, estreou em junho deste ano com uma impactante entrevista do ex-meia Richarlyson, hoje comentarista esportivo do Grupo Globo. Nela, o multicampeão de São Paulo e Atletico-MG se tornou o primeiro jogador a já ter vestido a camisa da seleção brasileira e se declarar publicamente bissexual. De novo, houve quem se sentisse atingido — mas as reações a favor foram muito maiores. Inúmeros clubes fizeram postagens de apoio nas redes sociais. Só mesmo quem parou no tempo expressou desconforto, raiva ou indignação. Afinal, que diferença faz a forma como Richarlyson (você, eu ou qualquer outra pessoa) toca sua vida pessoal? "Tenho sonhos e desejos como todo mundo", resumiu ele no programa, não sem antes lamentar que o preconceito continue tão presente no dia a dia.

Em seguida, o podcast trouxe mais uma entrevista corajosa.

Messi e Sergio Ramos em ação pelo Paris Saint-Germain: pequenas iniciativas, como os números coloridos, ajudam a construir respeito

Desta vez, o árbitro Igor Benevenuto, 41 anos e integrante do quadro da Fifa, foi ainda mais enfático ao revelar as dificuldades de quem não se comporta conforme o esperado. "O futebol é um esporte que eu cresci odiando profundamente. Não suportava o ambiente, o machismo e o preconceito disfarçados de piadas. Para sobreviver na rodinha de moleques que viviam no terrão jogando bola, montei um personagem, uma versão engessada de mim." O juiz ainda expôs a hipocrisia desse universo (em que essas características são só um pouco mais concentradas do que na sociedade como um todo). "Futebol era coisa de 'homem', e desde cedo eu já sabia que era gay. Não havia lugar mais perfeito para esconder a minha sexualidade. Como jogar não era uma opção duradoura, fui para o único caminho possível: me tornei árbitro."

Combater o preconceito é difícil porque a sociedade naturaliza a violência contra quem não se adéqua aos padrões

É ridículo imaginar que "não havia homossexuais no mundo da bola" no passado. Havia. O que,

O ex-meia Richarlyson: em entrevista, pela primeira vez um atleta que vestiu a camisa da seleção afirmou publicamente ser bissexual

sim, parecia ser diferente, era a forma de tratar as pessoas. Jorge José Emiliano dos Santos (1954-1995) começou a atuar profissionalmente como juiz de futebol em 1968. Ficou famoso nacionalmente como Margarida, um apelido que hoje é considerado desrespeitoso e abusivo. Entre os jogadores, talvez o caso mais famoso seja o do inglês Justin Fashanu, que atuou por Norwich City e Nottingham Forest e assumiu publicamente ser gay em 1990. Fora de campo, entrou para a história a Coligay, torcida organizada que empurrava o Grêmio entre 1977 e 1983. Hoje, muitos times das Séries A e B têm coletivos de torcedores assumidamente homossexuais — que, infelizmente, ainda precisam lutar para não ser hostilizados nas arquibancadas e para tentar impedir os cantos homofóbicos contra os adversários.

É fundamental avançar. Renan Quinalha, advogado e professor de direito da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), lembra que só em 2019 foi aprovada a lei que criminaliza a LGBTfobia. "Combater o preconceito ainda é muito difícil", diz ele, "porque esse debate ainda é recente e vivemos em uma sociedade preconceituosa, que naturaliza a violência contra pessoas que não se adéquam aos padrões binários e heteronormativos." Beatriz Abreu, da Vasco LGBT, sabe bem disso. "São tantas formas de discriminação que é até difícil enumerar. Já ouvi até falarem que o Vasco, por ser um 'clube católico',

só deveria permitir heterossexuais nos jogos. É absurdo."

Por mais que as leis e as práticas sociais sejam mais avançadas na Europa e nos Estados Unidos, é ilusão achar que por lá tudo são flores. Megan Rapinoe, a supercampeã americana, se tornou uma das principais vozes em prol do movimento — justamente porque não tem medo de cara feia nem de se expor, ao contrário. Um dos momentos mais emblemáticos de sua militância se deu depois da vitória sobre a França, nas quartas de final da Copa do Mundo feminina de 2019. "Vamos, gays! Não se pode ganhar um campeonato sem gays na equipe, nunca ninguém fez isso", desabafou. Na seleção brasileira, diversas jogadoras, entre elas a supercraque Marta, não escondem sua opção sexual. Antes dos Jogos Olímpicos de Tóquio, no ano passado, Formiga afirmou a PLACAR que já foi até ameaçada por um torcedor sem noção inconformado por ela ser casada com outra mulher.

A luta por igualdade vem ganhando cada vez mais força. Na sociedade e, também, no mundo do futebol

Isso ocorre, entre tantas coisas, porque até governos se colocam abertamente contra as pessoas que

O Allianz Arena iluminado após a decisão do governo húngaro de aprovar uma lei abertamente homofóbica: contra a hipocrisia e o cinismo de querer controlar o que cada um faz de sua vida

insistem em não ser "normais" (como se isso existisse). E, veja só, contam com o apoio de dirigentes do mundo de futebol (tanto que a Copa deste ano será realizada no Catar, que já anunciou a proibição de manifestações pró-liberdade sexual e é sobejamente conservador).

É postura que se viu no ano passado, durante a realização do campeonato europeu de seleções (a Euro 2020, que precisou ser adiada para 2021 por causa da pandemia). Num dos grupos do torneio, estavam Alemanha e Hungria, além de Portugal e França. Poucos dias antes do confronto entre alemães e húngaros, marcado para Munique, o governo de Viktor Orbán, o extremista de direita que sonha acabar com as liberdades individuais em Budapeste, tinha aprovado uma lei claramente homofóbica. O prefeito da cidade alemã usou o moderno sistema de iluminação do Allianz Arena para transformar a casa do Bayern num gigantesco arco-íris. Ao ver a imagem, os burocratas da Uefa (acredite se quiser) resolveram proibir a organização local de repetir a iniciativa no dia do jogo. A decisão, tão idiota quanto autoritária, só serviu para que boa parte da torcida levasse roupas e bandeiras multicoloridas para o estádio.

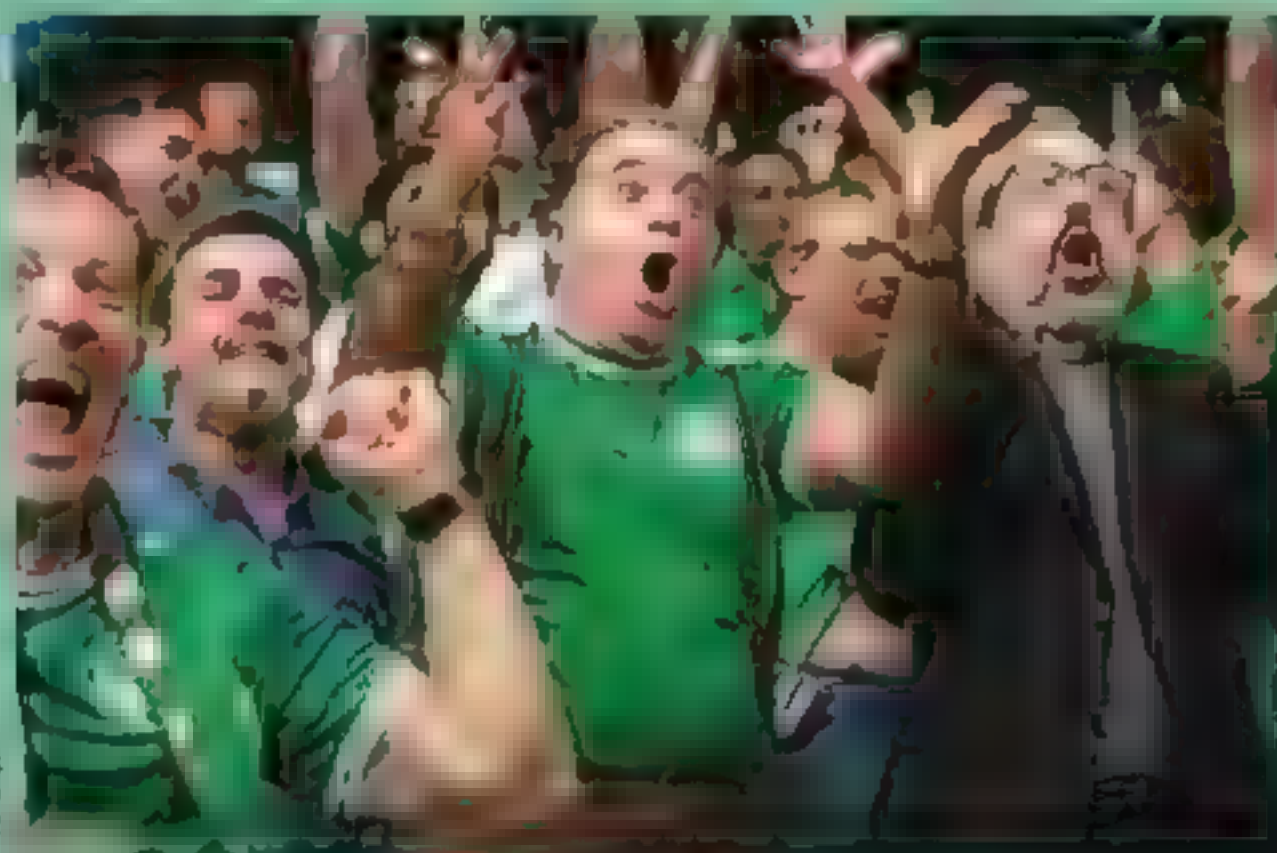
É isso. A simples imagem do vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e violeta lado a lado ainda incomoda muita gente. O conservadorismo e o preconceito seguem firmes, mas a luta por respeito, igualdade e diversidade, sem medo nem preconceito, vem ganhando cada vez mais força. Na sociedade e, também, no mundo do futebol. ■

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

O doutor Eduardo em 1984 desfazendo os mitos

UM ÍDOLO DE 17 ANOS

ESCOLHA

Os torcedores do Verdão no filme: paixão com espaço até para um padre

Com uma réplica da Jules Rimet, que ele ajudou a ficar com o Brasil; avesso às luzes da ribalta

A APARIÇÃO DE GRETA GARBO

O fenomenal e emocionado ressurgimento de Tostão nas páginas de PLACAR, em 1984, depois de onze anos sumido — e então o Brasil recuperou um de seus grandes personagens

O repórter Octavio Ribeiro, conhecido como "Pena Branca", já era uma lenda do jornalismo brasileiro, o craque das missões impossíveis. Foi ele quem entrevistou o Cabo Anselmo, líder dos marinheiros que lutara contra o regime militar de 1964, mas que depois seria agente infiltrado, denunciando companheiros para as forças da ditadura. Ribeiro encasquetou com um personagem: Tostão, "o inventor de espaços", segundo o escritor Roberto Drummond

Desde que abandonara o futebol, em 1973, em virtude do descolamento da retina do olho esquerdo, depois de jogar pelo Cruzeiro, pelo Vasco e pela seleção, fechou-se em copas e virou um cidadão qualquer, o doutor Eduardo Gonçalves de Andrade. Ribeiro e o fotógrafo Armênio Abascal tiraram o ex-jogador de seu canto doméstico, depois de onze anos. Foi o atalho para a volta a uma vida normal, sem receios, sem pressões — a caminho de Tostão se tornar o que é hoje, o melhor cronista esportivo do Brasil. A entrevista de Ribeiro com Tostão, publicada em julho de 1984, é um dos grandes momentos da história da imprensa esportiva brasileira — e PLACAR tem orgulho em fazer parte dela.

O problema na retina

Você parou por causa do olho mesmo? Justamente. Eu tive um problema sério na vista, em 1969. Levei uma bolada no olho, tive de ser operado de um descolamento de retina, um problema grave, principalmente para o atleta. Fui operado nos Estados Unidos em 1969, considerado apto para voltar à atividade esportiva. Os médicos que me atenderam tanto aqui no Brasil quanto nos Estados Unidos me liberaram para a prática do futebol, por isso voltei a jogar normalmente. Voltei na Copa do Mundo de 1970 depois de ser operado e joguei sem problemas, apesar de não estar em condições físicas ideais por ter ficado uns seis meses sem jogar. Retornei na época da Copa, inclusive me apresentei depois porque estava ainda na fase de recuperação, fui liberado e joguei na Copa sem problema nenhum. Continuei jogando, mas, em 1973, voltei a ter problemas no olho, fui novamente operado. Já estava no Vasco. Depois da cirurgia, apesar de ter corrido tudo bem, fui aconselhado pelo médico a não mais praticar esporte porque

O craque revela o seu mistério de 11 anos

A abertura da entrevista histórica: as revelações de um mistério fabricado

Na Copa de 1970, no México, de volta aos gramados, depois da cirurgia feita nos Estados Unidos para tratar a retina descolada

corria o risco muito grande de ter problemas mais sérios. Mesmo que quisesse voltar, assumindo graves riscos, eu voltaria sem as mesmas condições que tinha antes. Agora, é bom reafirmar que, em 1972, fui transferido para o Vasco. Tive o problema da vista em 1969, joguei no Cruzeiro e na seleção até 1972. Em 1972, fui comprado pelo Vasco e era mais que justo e lógico que o Vasco quisesse saber das minhas condições físicas. Então, quando fui para o Rio, levei atestado do meu médico de Belo Horizonte dizendo que estava apto a praticar esporte normalmente. No Rio, antes de ser fechado o negócio, fui examinado várias vezes, por mais de um médico, e a conclusão de todos eles foi de que eu estava curado para a prática do esporte. Então, isso é bom reafirmar, porque na época houve conversas, mal-entendidos, exploração de que eu tinha ido para o Vasco sem condições físicas. Primeiro, o Vasco não iria me contratar sem fazer exames médicos rigorosos. Segundo, eu não iria nunca se soubesse que tinha qualquer problema, porque era uma responsabilidade grande, inclusive o meu nome como atleta. Então, minha continuação na prática do esporte não era por heroísmo nem por obsessão de jogar futebol, não; era baseada em parecer médico. Porque, na época de 1970, houve até reportagens muito bonitas falando que eu fui o herói da Copa por ter jogado com o olho machucado... Nada disso. É evidente que eu não iria entrar no futebol sem estar em condições.

Aí houve uma polêmica que o Cruzeiro tinha vendido você sem condições físicas. É, houve essa polêmica e foi uma coisa que realmente me magoou muito, porque, inexplicavelmente, todo mundo desconfia de todo mundo, acha que a princípio todo mundo não é honesto, não é? Devia ser o contrário, a princípio todo mundo devia ser honesto, não é? E, quando aconteceu aquilo, o Vasco, inexplicavelmente... Não o Vasco, algumas pessoas do Vasco...

Algum dirigente? É. Acharam que eu fui lá já com problemas, que o Cruzeiro passou o Vasco para trás, que eu não tinha condições...

Que fosse um golpe... É. Então saiu esse tipo de conversa, e é evidente que, como eu já disse, seria uma grande burrice de minha parte jogar futebol arriscando minha saúde e ficar cego. Mas no Vasco, não sei se mais para dar uma satisfação à torcida, ou mesmo alguém aproveitou para fazer polêmica, então criaram aquele negócio de que inclusive o clube iria tentar receber o dinheiro de volta, aquele negócio todo. O que aconteceu foi o seguinte: quando resolvi parar de jogar, já estava há quatro meses em recuperação da operação.

Então já tinha quatro meses que eu não recebia nada do Vasco. E tinha mais oito meses de contrato, num total de doze meses, mais ou menos. O Vasco disse que ia tentar receber o dinheiro de volta, e isso significava que teria sido enganado por mim e pelo Cruzeiro. Então, principalmente pela minha moral estar em jogo, entrei na Justiça contra o Vasco, e ele foi obrigado a me pagar aqueles quatro meses mais correção monetária. Se eu quisesse insistir, teria todo o direito também de receber mais oito meses. Na época, o negócio para mim já estava mais do que encerrado, eu queria ficar livre do problema, tinha tido muita amolação, muita chateação. Mas não tenho mais ódio de ninguém.

Doutor Eduardo, muito prazer...

O Tostão desapareceu e entrou o doutor Eduardo. Por que sumiu o Tostão? O que dizem é o seguinte: que você detesta futebol, não quer que ninguém o chame de Tostão. Por que isso? Por que esse afastamento da imprensa? Esta é uma oportunidade para a gente conversar sobre isso porque as pessoas imaginam e inventam um punhado de coisas. Quando fiz o vestibular para medicina, fui fotografado lá no Mineirão, tinha cinegrafista me filmando, quer dizer, eu era a atração do vestibular. Quando entrei na faculdade, aquele entusiasmo todo, comecei estudando, me esforçando e notei que a badalação continuava. Eu estava na sala de aula e entrava repórter, cinegrafista, pedindo para tirar fotografia, quer dizer, aquilo tudo foi um transtorno para mim, para o professor, que achou aquilo estranho, para os alunos, e o negócio não parava nisso. Continuava com convite para ir à festa de não sei o quê, para mais não sei o quê. Na minha época de esportista, sempre fui avesso à badalação, sempre tive vontade de ter a minha identidade, independentemente de ser ídolo. Essas coisas dão orgulho, mas a gente não pode esquecer do íntimo, que tem de ser separado disso tudo. Uma pessoa conviver sendo ídolo, a gente tem aí milhões de exemplos, é uma coisa difícil. A gente vê aí exemplos no dia a dia de pessoas com problemas emocionais graves, sérios, com suicídios e outras coisas, justamente porque a convivência com esse tipo de vida é uma coisa que traz sérios problemas. Então eu falei: "Isso aqui só está me atrapalhando, não posso levar uma vida a sério". E medicina é um curso sério, qualquer profissão é coisa séria. E por causa disso tive de cortar essa coisa.

E como é que se corta uma imagem dessa? Primeiro, sem nenhuma falsa humildade, eu não me dava importância, intimamente, de tudo o que as pessoas às vezes davam. Achava que fui um jogador como muitos outros. Quantos foram ídolos no passado, não é? Então eu achava que não tinha sentido continuar sendo algum tipo de atração, a menos que continuasse ligado ao esporte. Se eu continuasse fazendo comentário para televisão, para jornal, falando sobre futebol na revista, indo em festa de congraçamento de futebol, quer dizer, o meu nome ia continuar sendo focalizado e isso ia atrapalhar a minha atividade médica. Eu tinha de cortar isso.

> **"É, havia conversas, boatos dizendo que eu tinha raiva de futebol, que de tudo o que era meu no passado eu desgostava porque tinha ódio do futebol"**

E foi fácil? Aí veio o problema. No início, às vezes, eu não conseguia, aí fazia uma reportagem. Chegava o dia seguinte, aparecia mais gente querendo fazer. Então falei: "Se eu não cortar de uma vez, o negócio não resolve, tenho de cortar mesmo". E cortei.

Como é que se corta? As pessoas me ligavam e eu falava que não queria fazer por causa disso e disso. Era difícil falar para uma pessoa no telefone "não quero por causa disso e disso", seria uma outra reportagem quase, não é?

Sempre tem uma reportagem... Tinha pessoas que não entendiam, outras ficaram com raiva de mim e começou, então, a partir daí, a surgir...

Uma onda de boatos. É, havia conversas, boatos dizendo que eu tinha raiva de futebol, que de tudo o que era meu no passado do futebol eu desgostava porque eu tinha ódio de futebol, que eu não podia nem ouvir falar em futebol...

Que você pegou suas taças e jogou fora... Justamente, saiu na televisão que eu tinha queimado, jogado fora meus troféus, minha taça, e que não gostava que ninguém me chamasse de Tostão, tinha de ser Eduardo. Se as pessoas me chamassem de Tostão eu dizia "não, você tem que me chamar de Eduardo" e, depois que me formei, de "doutor Eduardo" *(rindo)*. E es-

se tipo de coisa cresceu tanto que teve o lado bom e o lado ruim. O lado bom é que realmente, de uns tempos para cá, as pessoas pararam de me procurar, de me chamar para fazer reportagem, para ir a tal lugar etc., e eu tenho uma vida particular mais livre. E teve o lado ruim, que criou uma história tipo... *(pergunta o nome de uma artista de cinema que não aparecia e fazia mistério).*

Greta Garbo? Greta Garbo. Fizeram umas coisas assim, de vez em quando pessoas me escreviam protestando, falando que eu era um ídolo e tinha de estar sempre em evidência, que era um absurdo, que o futebol para mim foi uma glória e eu não podia rejeitar o futebol. Eu gosto de futebol, sempre gostei, o futebol para mim foi uma época muito boa, eu tive algumas tristezas no futebol, importantes, uma delas de ter tido um problema grave de saúde. O encerramento de minha carreira foi uma coisa que me deixou triste porque todo atleta gostaria de encerrar jogando, com festa de despedida, e a minha carreira foi encerrada bruscamente e de forma mal compreendida.

Sem querer criar polêmica: me dá uma diferença entre o Saldanha e o Zagallo na seleção de 1970? O Saldanha foi o técnico do time da eliminatória, em 1969, e nós formamos um grande time. Primeiro, porque o Saldanha chegou à seleção e falou: "Quem são os melhores?". Olhou lá e falou: "Os melhores sao o Pelé", sem dúvida, "o Rivellino, Jairzinho, Edu, então esses têm de jogar", e escalou os melhores. Segundo, o Saldanha tinha um relacionamento espetacular com os jogadores, todos gostavam dele. Isso foi importante, e ele conseguiu reunir um grupo bom. Agora, o Saldanha não era assim muito preocupado com tática, ele deixava os jogadores jogarem mais à vontade. Isso tem um lado bom, como às vezes tem um lado ruim. Às vezes, os jogadores precisam ser disciplinados taticamente dentro de campo. Não é que o Saldanha não tenha sido preocupado, mas ele não dava muita importância a isso, a importância maior era a qualidade do jogador e das condições tanto físicas quanto mentais, psíquicas, para o jogador exercer toda a sua capacidade técnica dentro de campo. O Zagallo já era diferente, altamente preocupado com a parte técnica. O Zagallo estuda o adversário, filma o adversário, treina jogadas, ensaia uma, duas, dez vezes, usa quadro-negro, botão. Isso tem um lado altamente positivo porque há jogadores que, às vezes, têm dificuldades de assimilar certas coisas que o técnico quer. Então, ele mostrando no jogo de botão, treinando, exigindo, aqueles jogadores que, por característica, são indisciplinados taticamente, ele conseguiu disciplinar.

Um dos grandes nomes da história do Cruzeiro: ídolo eterno da torcida

> **"O Zagallo estuda o adversário, filma o adversário, treina jogadas, ensaia uma, duas, dez vezes, usa quadro-negro, botão. O Saldanha não era muito preocupado com tática"**

O amor pela bola...

Prove ao leitor que você não abandonou o futebol, que continua acompanhando: o que está faltando ao Brasil para ser campeão do mundo? Por que, desde 1970, nunca mais? Isso

A breve passagem pelo Vasco: conflito com os dirigentes

não preciso falar, porque todo mundo sabe. Não é viver do passado falar "na minha época tinha craque e agora só tem jogador ruim". É evidente que estão faltando mais craques, isso é evidente.

Desde 1970? Desde 1970. Em 1974, parece que só tinha o Rivellino, o Jairzinho, não sei. Mas a turma de 1970, principalmente o Pelé, que era o que pesava mais, parou de jogar e o Brasil ficou de 1970 a 1981, 82, com falta de grandes jogadores. Não que não pudesse ganhar uma Copa, mas se igualou aos outros, a superioridade técnica do Brasil foi perdida. E, em 1981, 82, o Brasil teve a sorte de começar a aparecer de novo um punhado de grandes craques. Apareceram Zico, Sócrates, Falcão, esses três principalmente, que são jogadores fora de série, no mesmo nível dos de 1970, e num nível um pouco mais abaixo, o Cerezo, o Junior. Evidente que Pelé é diferente. Então, em 1982, o Brasil estava para ganhar a Copa de lambuja porque era muito melhor que os outros.

E por que perdeu? Aí perdeu. O Brasil jogou três partidas maravilhosamente bem, infinitamente superior aos outros, todo mundo dizia "vai ser até mais fácil que as outras". Mas um jogo decide tudo. Então, contra a Itália, um pouco por azar, e erro nosso, o Brasil perdeu o jogo e a Copa.

...e o gosto pela política

E o cidadão Eduardo, politicamente? Politicamente, eu e 99% da população — dizem que é 95%, mas acho que é mais — estamos torcendo para que o Brasil normalize sua vida democrática, volte à eleição direta, que a gente possa eleger nosso presidente agora, porque já estamos esperando demais, e que o Brasil melhore sua situação econômica e social. O Brasil chegou hoje a uma posição, como se diz, de caos. Então, todo mundo quer que o Brasil saia desse caos

Se houver eleição direta, você vota no Tancredo? Não sei. Se eu falasse para você em quem votaria, ainda teria algumas dúvidas.

Quem poderia ser um líder para ajeitar o país? Eu, como todo mundo, tenho dúvidas. Tem hora que a gente acha que a prudência, a honestidade, o tipo do Tancredo seria ideal para o Brasil. É um político por quem temos de ter o maior respeito, porque é um político...

Raposa? Raposa, mas coerente. Há muito tempo que vem sendo coerente. Realmente é um político muito inteligente. Mas será que o Brasil precisa hoje de um presidente com toda essa prudência do Tancredo, com o centrismo do Tancredo? Ou o Brasil precisa de uma pessoa mais do tipo do Brizola, mais voluntarioso, menos centrista, com mais ambição social de resolver os problemas sociais do Brasil o mais rápido possível? Realmente, eu tenho dúvida. Hoje discutem-se ideias, não o homem. O importante é isso. Seja Tancredo, seja Brizola, o Ulysses.

E porventura Maluf. Ou Andreazza? Esses dois candidatos não têm a mesma posição que a sociedade brasileira toda está querendo hoje

Mas você acha que dá jeito ou não? Piora mais, não piora? Acho que o Brasil precisa eleger um presidente da República que tenha respaldo popular, que é o mais importante, e que tenha um compromisso. É o que todo mundo está querendo. Todo mundo está querendo renegociação da dívida externa, melhoria do clima social no país, eleições diretas, democracia Quer dizer: o Brasil, hoje, não aceita um presidente que não tenha esse compromisso. ■

O INÍCIO DO REINADO

Reinaldo tinha apenas 17 anos quando Telê Santana o colocou no time titular do Galo, no lugar de Dario. E então o Brasil conheceu um personagem inigualável, até hoje reverenciado

Punhos erguidos: a marca registrada de um artilheiro vocacional, bom de bola e de ideias

Na capa da edição de PLACAR de 10 de maio de 1974, um pouco antes da Copa do Mundo da Alemanha, o volante Clodoaldo, o Corró do Santos e da seleção, alertava: "Falta seriedade". Em depoimento ao repórter José Maria de Aquino, o psicólogo João Carvalhaes, que trabalhara com o escrete em 1958, na Suécia, punha o dedo na ferida: "Pelo que a gente pode ver, não está existindo uma unidade de trabalho entre os jogadores. Em economia a gente fala de retorno de capital investido. Em comunicação — que é o nosso caso — também deve haver retorno". Clodoaldo acabou não disputando o torneio, contundido. O Brasil foi eliminado pela poderosa Holanda de Cruijff ao perder por 2 a 0. Ficaria com o quarto lugar, derrotado pela Polônia. Era o início de uma travessia ruim — os 24 anos sem título, de 1970 a 1994. Nem tudo, porém, era lamentação naquela PLACAR de quase cinquenta anos atrás. Diante de tanto problema, havia uma luz. No canto superior direito da capa, em chamada discreta, brotava um anúncio: "Atlético-MG — A geração de Reinaldo". A turma do tricampeonato de 1970 começava a sair de cena, abrindo a avenida para novos craques. E poucos, pouquíssimos, seriam tão promissores quanto o menino de 17 anos do Galo, de sorriso largo e timidez irrestrita.

A reportagem inaugural de Reinaldo nas páginas de PLACAR (ele havia sido citado uma única vez, em 1973, ao marcar um gol na derrota para o América-MG por

2 a 1) é um primor de concisão e aposta certeira — o tempo tratou de confirmar, ao menos parcialmente, o que aconteceria, o menino transformado em Rei. Relê-la é um bálsamo. Vamos lá, ao trecho inicial daquele texto.

"Dadá Jacaré era o dono da galera, que explodia em gritos a cada gol: Dario! Dario! Dario! Um dia, sem dinheiro, o Atlético foi obrigado a vender seu artilheiro ao Flamengo — e a turma da geral se viu órfã, emudecida. Por pouco tempo. Primeiro, as vaias. Depois, aplausos para Campos, o novo ídolo que começava a subir para o pedestal deixado vago por Dario. Mas a verdade é que a torcida não conseguia esquecer Dario, embora aplaudisse Campos e seus muitos gols.

De uma hora para a outra, um jovem de 17 anos parece tornar distantes os tempos em que o Mineirão sacudia aos gritos de "Dario!". Reinaldo faz

Depois de Dario, Campos. Com este suspenso, a torcida do Galo descobre Reinaldo.

UM ÍDOLO DE 17 ANOS

Será que Telê tem razão? Ele diz que Reinaldo será o titular da Seleção na Copa de 78. Reinaldo já fez a torcida esquecer o ídolo Dario

A capa de PLACAR de maio de 1974: a seleção de Clodoaldo, mal das pernas, e a chamada discreta no canto superior direito *(acima)* anunciava o nascimento de um craque ainda adolescente, rápido e inteligente como poucos, já caçado em campo

o Galo voltar a vibrar com a raça de sempre, a cantar de alegria, sem saudade.

Agora que a camisa 10 é sua, que os problemas de adaptação estão superados, Reinaldo acha que é hora de fazer confissão.

— Tinha dia em que eu acordava com os dentes trincados, nervoso. Até parecia que o mundo ia desabar em cima de mim. Só quem veste a camisa de um time como a do Atlético é que sabe a dureza.

Tudo ficou mais fácil a partir do instante em que o acerto da dupla Reinaldo/Campos começou a se transformar em gols — o que a torcida exigia. Hoje, também o técnico Telê afirma que sofreu com os problemas de Reinaldo, embora tivesse certeza de que ele não fracassaria.

— Lançar um jogador com 16 anos *(Reinaldo tem agora 17)* também é penoso para o técnico. Eu confiava nele, mas sabia que diversos fatores poderiam prejudicar sua carreira.

O principal deles, segundo Telê, estava mesmo no vazio que a venda de Dario deixou, não só no Atlético, mas no futebol mineiro. O outro seria sua adaptação ao sistema do time, que Reinaldo superou com facilidade, logo nos primeiros jogos.

— Na partida contra o Ceará, em Fortaleza, o Reinaldo saiu aplaudido pela torcida de lá. Pode escrever aí que eu não tenho medo de errar: o Reinaldo será o titular absoluto para a Copa de 1978."

Não deu outra. Reinaldo era titular absoluto no time de Claudio Coutinho — caçado pelos adversários, a tônica de sua carreira, desembarcou na Argentina com sérios problemas físicos. Marcou o gol canarinho na estreia contra a Suécia, em 1 a 1, mas depois deu espaço a Roberto Dinamite. Para muita gente dentro do governo — era tempo de ditadura militar —, tê-lo fora de cena foi um alívio, era

O incrível Hulk, a estrela do Atlético-MG, campeão brasileiro do ano passado: o gesto em homenagem a seu antecessor, mito eterno entre os torcedores alvinegros

Com Milton Nascimento, em 1982, em conversa repleta de evasivas no estilo mineiro raiz: "Sou reinaldista", disse o cantor e compositor

um modo de evitar a cena do craque com o braço erguido e o punho cerrado, gesto emprestado dos Panteras Negras, que lutavam contra o racismo nos Estados Unidos, e que tantas vezes apareceu nas páginas de PLACAR. Na véspera da Copa, a delegação foi recebida no Palácio Piratini, em Porto Alegre, pelo presidente Ernesto Geisel. Incomodado, o ditador foi claro: "Quem cuida de política é a gente, você cuida de jogar futebol, deixa a política com a gente".

E foi assim, entre jogadas geniais e a postura permanentemente atenta aos reais problemas brasileiros, que Reinaldo cresceu e apareceu — perseguido em campo pelos zagueiros e pelo conservadorismo de colarinho branco fora dele. Virou ícone incontornável, símbolo de um tempo, a caminho da abertura política do Brasil. Para ele, nunca foi apenas uma bola. Não por acaso, em julho de 1982, logo depois da tristeza do Sarriá, PLACAR reuniu Reinaldo e Milton Nascimento. Milton Nascimento e Reinaldo. O começo do diálogo conduzido pelo repórter Sérgio Carvalho — conversa mineiríssima, ao ritmo de acordes e dribles, política e esporte — foi impagável, tradução fiel da admiração mútua de dois grandes personagens de Minas Gerais.

PLACAR — Milton, para que time você torce?

MILTON — Cruzeiro.

PLACAR — Cruzeiro?

MILTON — Bem, quando joga o Atlético, eu sou Galo.

PLACAR — E quando joga Atlético e Cruzeiro?

MILTON — Aí eu torço pro Cruzeiro e pro Reinaldo.

PLACAR — Então você é reinaldista.

MILTON — Sou reinaldista e cruzeirense.

E quem nunca foi reinaldista, como PLACAR? Ele apareceria em uma dezena de capas e centenas de reportagens, invariavelmente com o punho erguido — gesto que, no ano passado, o incrível Hulk repetiu para homenagear seu antecessor. Fiquemos com Telê, naquele primeiríssimo passo: "A todos os lugares aonde vou peço sempre à imprensa e à torcida que prestem atenção em Reinaldo. Acho que ele se aproxima demais do brilhante e inteligente futebol de Tostão". ■

COMO SE FOSSE UMA PINTURA DE PICASSO

A tarde no Maracanã em que o uruguaio Loco Abreu virou sinônimo de cavadinha — a cobrança de pênalti para os muito ousados

Quem inventou a cavadinha? Foi o checo Antonín Panenka, em 20 de junho de 1976, no Estádio Estrela Vermelha, de Belgrado, na extinta Iugoslávia de Tito, quando Checoslováquia e Alemanha Ocidental disputavam a final da Euro. Deu empate no tempo regulamentar, 2 a 2, e a decisão foi para as penalidades máximas. Com o placar favorável aos então comunistas em 4 a 3, era a vez do alemão Uli Hoeness bater. Bateu e perdeu. Panenka caminhou para a marca dos 11 metros. Se fizesse, pronto, era o título. Calma e tranquilamente, tendo à frente o espetacular goleiro Sepp Maier, o meia trotou, trotou e, de pé direito, fez a bola subir. Gol e ponto-final. Mas quem fez a cavadinha famosa em todo o mundo? O uruguaio Loco Abreu, e atire a primeira pedra quem for contra essa constatação.

Foi com a brecada corajosa que ele marcou o tento da vitória da Celeste contra a seleção de Gana, na Copa do Mundo da África do Sul, em 2010, numa das disputas pelas semifinais mais espetaculares jamais vistas. Loco já vinha ensaiando o toque há algum tempo — e os torcedores do Botafogo têm o registro ainda hoje guardado nas retinas e marcado nas peles (sim, muitos deles fizeram tatuagem com o que vai se relatar a seguir). Era um 18 de abril, o Maracanã lotado. Os alvinegros comandados por Joel Santana precisavam reverter um tabu: o Flamengo vinha de três títulos cariocas consecutivos ao vencer o time da Estrela Solitária, que ficara com o vice. Era a final do segundo turno da Taça Rio. Se desse o Bota, trofeu na mão, porque já tinha levado a Taça Guanabara. Se desse Fla, as duas equipes fariam uma outra decisão. E então...

E então o argentino Herrera sofreu pênalti, aos 26 minutos do segundo tempo. O placar marcava 1 a 1. Loco levou a bola até a marca de pênalti. O silêncio era abissal. Ele correu — mais caminhou do que correu — e deslocou o goleiro Bruno, em seu último ano de carreira (depois seria preso, acusado de cumplicidade do assassinato de uma namorada, Eliza Samudio). Loco contaria depois que fez tudo de caso pensado, sabendo que o arqueiro rubro-negro costumava se jogar na bola, depois de dar alguns passinhos na linha entre as traves. "Ele tá grandão, ele vai se jogar, ele vai querer pegar o pênalti", disse o uruguaio. Dito e feito. "Quando olho, a bola está um pouquinho alta, ela dá uma raspada no travessão. Tipo a do Zidane na Copa de 2006. Mas a minha foi mais devagar, então, quando vi que começava a subir, pensei: 'Porra, não acredito, eu vou errar'. Mas aí ela entrou e eu dei um pulinho." O narrador da Globo Luis Roberto mal

Rodrigo Steiner Leães//Lance Fut
Instagram: @lance_fut
Site: lancefut.com

acreditou no que viu e soltou uma frase que viraria bordão: "De perder o fôlego!". O batedor, que apesar de louco nunca foi bobo, sabia ter chegado à perfeição. No ano seguinte, desistiu da cavadinha, depois de perder uma penalidade contra o Fluminense. E resumiu da seguinte forma o fim da carreira daquele estilo de tocar no couro que o fez célebre e querido: "Pen-

sei... cara, cuide da obra máxima que você fez. Sabe o Picasso, o pintor? Quando ele fez a melhor obra dele, ele foi lá, colocou em algum lugar e ficou para a vida toda. Pensei: vou fazer igual ao Picasso. Deu certo? O papai do céu deu a oportunidade de fazer o gol? Que fique na melhor lembrança".

Aquela cavadinha contra o Flamengo, há doze anos, ficou. É indelével, um momento especial da história do futebol, a ousadia de mãos dadas com a confiança. E Loco Abreu virou sinônimo de um lance especial — alguns ainda tentam imitá-lo, mas apenas como farsa. Vê-lo em vídeo no YouTube é um bálsamo, faz sorrir. Mas vê-lo congelado, como nesta ilustração publicada por PLACAR, é a comprovação de que no futebol muitas vezes convém seguir o conselho do fotografo francês Henri Cartier-Bresson e esperar o instante decisivo. Ou então, como sempre, ir na pegada de um filósofo da bola, o roupeiro, massagista, treinador e frasista carioca Neném Prancha: "O pênalti é tão importante que deveria ser batido pelo presidente do clube". Ou, vá lá, muito ousados como Loco Abreu. ■

A FORÇA DO ABRAÇO NEGRO

Uma foto eterna, feita em 2009, que renasce como protesto contra a estupidez do racismo nos estádios

As mãos de Armero a emoldurar o corpo de Diego Souza: 2 a 0 para o Palmeiras

Era 21 de abril de 2009, tempo em que o Palmeiras contava apenas uma Libertadores e o Parque Antártica tinha holofotes amarelados, fraquinhos mesmo. O adversário do Verdão era a LDU, do Equador. O placar: 2 a 0 para os esmeraldinos, com gols de Marcão e Diego Souza O segundo tento foi de falta, batida da intermediária, numa paulada do atacante. Ao espanto do tirambaço na rede, Diego saiu correndo por trás do gol, lá onde antes havia um escudo do alviverde Tudo meio na penumbra, muito mal iluminado. O fotógrafo de PLACAR, Alexandre Battibugli, afeito a estar em cantos insuspeitos, distante dos colegas, pronto para um olhar diferente, não teve dúvida: baixou a velocidade do obturador e começou a fazer as fotos. Percebeu o colombiano Pablo Armero se aproximar do companheiro de clube e, ao feliz abraço por trás, não teve dúvida. "Tinha ali uma fotografia bacana", lembra

Não demorou para que a turma da redação se recordasse do samba clássico de Dona Ivone Lara: "Sorriso negro / Um abraço negro Traz felicidade / Negro sem emprego / Fica sem sossego / E negro é a raiz da liberdade". O título dado à foto: "Um abraço negro". O então diretor de PLACAR, Sérgio Xavier Filho, lembra do espanto: "Uau! Isso aqui é o futebol utópico, democrático, multirracial, sem preconceito. Não é, sabemos. Mas a foto é quase a utopia". Com ela, Battibugli recebeu o Prêmio Abril de Jornalismo. Hoje, a imagem é celebrada nas redes sociais, em eterno renascimento, dada a força simbólica de um registro na contramão do racismo. Os corpos colados celebram o bom senso, a educação, no avesso da estupidez que ainda hoje — e cada vez mais, talvez - ecoa pelos estádios. Vidas negras importam. ■

A RAPOSA QUE NINGUÉM ESQUECE

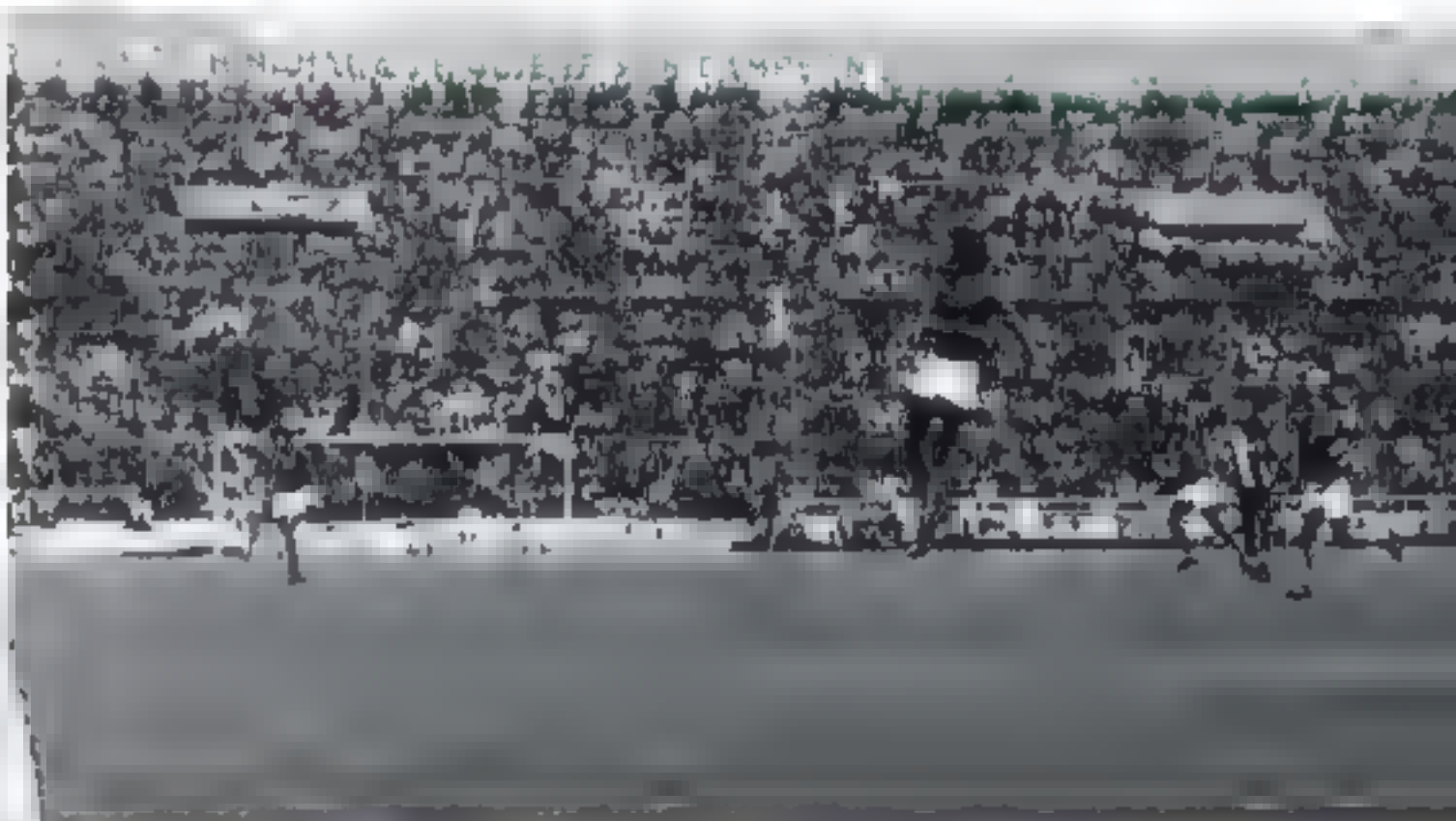
A magia habilidosa da equipe do Cruzeiro de 1976, dirigida por Zezé Moreira e comandada por Raul, Jairzinho, Palhinha, Joãozinho e cia.

O time do Cruzeiro de 1976, treinado por Zezé Moreira, era uma máquina azeitada. Tão boa que, ao enfrentar o Bayern de Munique na final da Copa Intercontinental em dois jogos, o primeiro na Alemanha e o segundo no Mineirão, provocou espanto, num tempo sem a onipresença das partidas de futebol na TV e no streaming. O treinador alemão, Dettmar Cramer, admitiu ao repórter de PLACAR, Sílvio Rochenbach, enviado especial ao jogo na Europa: "Os brasileiros, tecnicamente, são superiores", resumiu, para detalhar o que vira: "Primeiro: a organização da defesa brasileira é baseada na marcação por zona, enquanto a nossa se baseia no esquema homem a homem. Segundo: individualmente, os brasileiros são melhores que os nossos. Terceiro: eles dominam melhor as tabelinhas, sabem conduzir melhor a bola. Quarto: são especialistas em tiros livres e cobrança de escanteios". O Bayern levou a melhor, com vitória por 2 a 0 e depois o empate em 0 a 0, mas aquela Raposa era mesmo tudo aquilo que percebera Cramer.

Marcação: tinha Piazza. Qualidade individual: Jairzinho. Condução de bola: Joãozinho. Tiros livres e escanteios: Nelinho. Além, é claro, da segurança de Raul entre as traves e o faro de gol de Palhinha. Era uma delícia ver o Cruzeiro jogar. Na Libertadores daquele ano, a caminho do título, foram onze vitórias, um empate e uma derrota, com 46 gols marcados e dezessete tomados. A única derrota foi no segundo jogo da final, contra o River, em Buenos Aires, por 2 a 1. Na primeira partida, o time mineiro tinha vencido por 4 a 1, em Belo Horizonte. No terceiro e decisivo confronto, 3 a 2 em Santiago do Chile, com gols de Nelinho, Eduardo e Joãozinho. O derradeiro tento, o da vitória, virou lenda. Nelinho e Piazza trocavam farpas para decidir quem bateria a falta — Joãozinho não quis saber, deixou a dupla falando sozinho e pôs a bola no canto superior esquerdo do goleiro Landaburu. E então, depois de treze anos, depois do Santos de Pelé, uma equipe brasileira — e que equipe — erguia a Libertadores. ■

A BOLA NA NEVE

O jogo de ida da Copa Intercontinental — precursora do Mundial — foi disputado debaixo de neve e muito frio na cidade de Munique. **O Bayern de Sepp Maier e Gerd Müller venceu por 2 a 0.** O empate no Mineirão em 0 a 0 daria o título aos alemães. No inverno europeu, houve relato de jogadores que tiveram de tomar vinho e conhaque antes da partida para se aquecer. Raul recebeu generoso presente de Maier — uma luva de goleiro afeita a baixas temperaturas.

Em pé: Morais, Nelinho, Osires, Piazza e Vanderlei. Agachados: Eduardo, Zé Carlos, Palhinha, Jairzinho, Joãozinho e Raul

O ADEUS AO CRAQUE

Uma tragédia marcou a Libertadores da Raposa em 1976. O atacante **Roberto Batata** fez um dos gols do Cruzeiro contra o Alianza do Peru, na vitória por 4 a 0, em 12 de maio. A delegação desembarcou no Aeroporto do Galeão no dia seguinte. Batata pegou um carro a caminho de Três Corações (MG). Tinha saudade do filho de apenas 11 meses. No quilômetro 182 da Rodovia Fernão Dias, ele bateu seu carro contra um caminhão e morreu na hora. Houve comoção no Brasil. Tinha 26 anos.

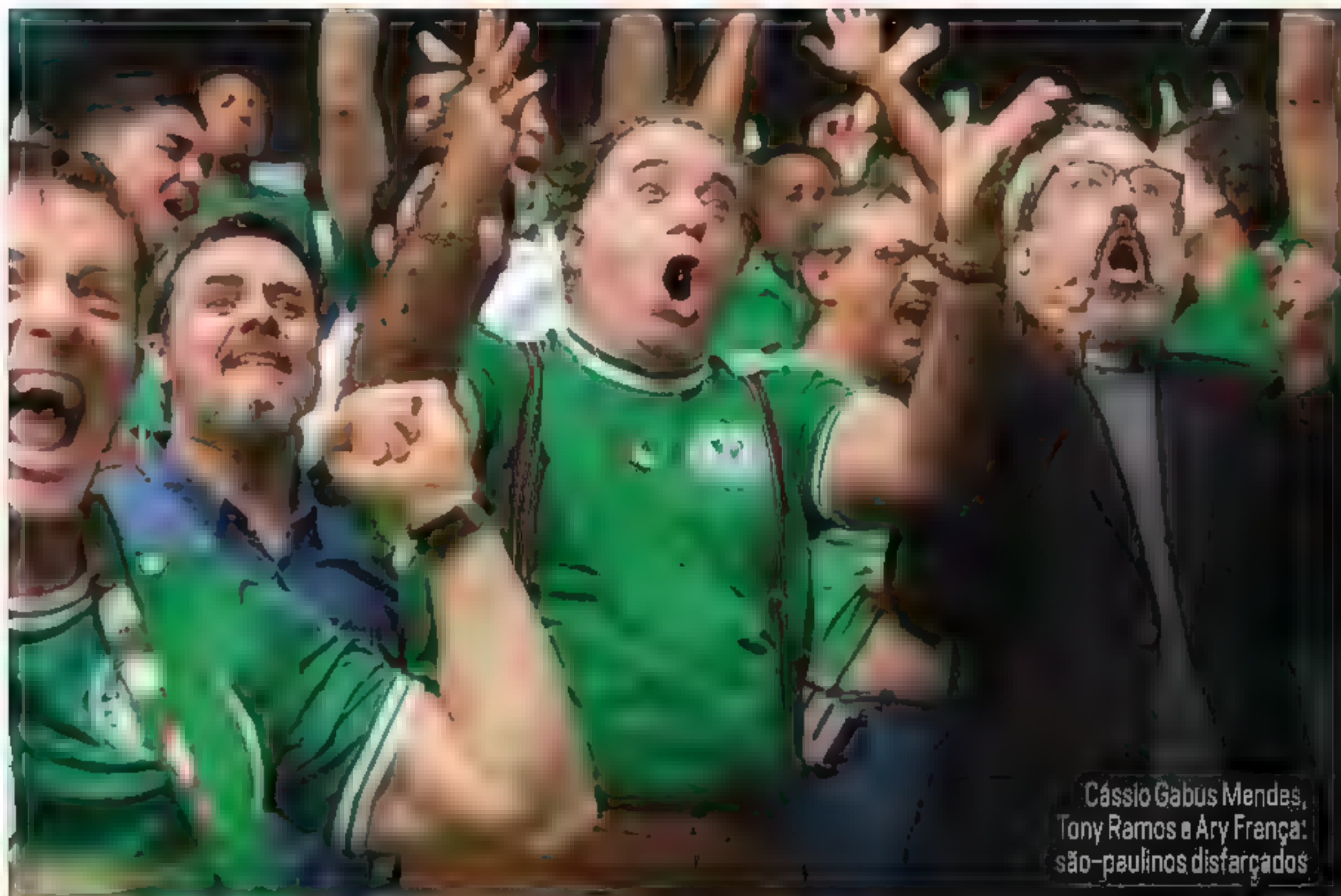
JUVENTUDE TRANSVIADA

Para combater os horrores do ambiente político de um país calado na marra, havia arte. A música mais tocada nas rádios em 1976 era *Juventude Transviada*, de Luiz Melodia — samba-canção que fazia parte da trilha da novela *Pecado Capital*, com Francisco Cuoco na pele de um motorista de táxi, o inesquecível Carlão. Da letra de Melodia: "Lava roupa todo dia, que agonia / Na quebrada da soleira, que chovia / Até sonhar de madrugada / Uma moça sem mancada / Uma mulher não deve vacilar".

CRIME DA DITADURA

Era tempo de ditadura no Brasil. Em 17 de janeiro daquele ano de 1976, o metalúrgico **Manoel Fiel Filho** foi assassinado na carceragem do DOI-Codi em São Paulo. Com censura e silêncio compulsório, o caso não chegou a ser muito comentado — mas o general Ernesto Geisel, presidente do Brasil, demitiria o comandante do II Exército, general Ednardo D'Ávila Mello. Falava-se em abertura política, e a morte poderia manchar os planos de Brasília.

"COMO PODEREI VIVER?"

"Como pode um peixe vivo viver fora da água fria..." A canção *Peixe Vivo* foi a trilha na despedida de **Juscelino Kubitschek,** em 23 de agosto de 1976. Ele morreu na Via Dutra, no Opala conduzido pelo motorista, que também perdeu a vida. Em 2013, a Comissão da Verdade de São Paulo concluiu que ele fora vítima de complô — informação nunca confirmada. JK era torcedor do Cruzeiro.

Cássio Gabus Mendes, Tony Ramos e Ary França: são-paulinos disfarçados

PAIXÃO FUTEBOL CLUBE

Em *45 do Segundo Tempo*, Luiz Villaça faz um de seus filmes mais pessoais, atalho para tratar com amor o mais popular dos esportes e a imagem que construímos de nossas melhores memórias ao longo da vida

Alessandro Giannini

Quando o metrô de São Paulo completou quarenta anos, em 2014, os jornais, revistas e sites publicaram fotos de personagens que usaram os trens no primeiro dia de funcionamento e reproduziram as imagens no contexto atual. Eis o ponto de partida para a reunião dos protagonistas do filme *45 do Segundo Tempo*, de Luiz Villaça, com estreia prevista para agosto nos cinemas. O título, claro, faz referência ao futebol, paixão irrecorrível entre os amigos de escola que se reúnem depois de quatro décadas. O ímã da turma é um palmeirense feliz com a grande fase do seu time, mas atormentado pelas rasteiras que a vida tem lhe passado. Interpretado por Tony Ramos, ele convencerá os outros dois, Ivan (encarnado por Cássio Gabus Mendes) e o padre Mariano (Ary França), a fazer uma viagem ao passado antes de completar uma missão que se colocou como meta.

Com uma carreira marcada por filmes como *O Contador de Histórias* (2009) e *De Onde Eu Te Vejo* (2016), Villaça exibe, agora, seu trabalho mais pessoal. Da geração que foi às ruas pelo movimento das Diretas Já, o cineasta resgata por meio do personagem de Tony Ramos, o italianíssimo Pedro Baresi, um pouco do desencanto experimentado pelos caras-pintadas ao longo do tempo. "Há ali um pouco da minha relação com a cidade, com os amigos, com o time do coração", diz o diretor palmeirense. "Também passa pela relação do tempo, o resgate da escola, dos garotos, o que pensávamos que seríamos trinta, quarenta anos depois. O que você idealizou e o que se tornou."

Dono de um tradicional restaurante italiano, Baresi está falido, mergulhado em dívidas e alienado da família. Suas únicas alegrias são a cadelinha Calabresa e

o Palestra, é claro. É nesse contexto que ele reencontra os amigos de escola, o advogado Ivan e o pároco padre Mariano, para recriar aquela tal foto tirada na inauguração do metrô paulistano, em 1974. O que caminhava para ser um encontro protocolar, marcado pelo estranhamento de tantos anos de distanciamento, acaba se tornando uma longa viagem ao passado, pontuada por discussões éticas e religiosas, na busca pela musa da infância dos três, Soninha (Louise Cardoso).

Villaça diz que escreveu Baresi pensando em Tony Ramos, com quem havia trabalhado na série *A Mulher do Prefeito*, em 2013. "Foi uma relação tão boa que eu queria fazer um filme com ele", conta. O modelo foram os donos de cantinas famosas de São Paulo, como Giovanni Bruno, do Il Sogno di Anarello, e Toninho Buonerba, criador do polpettone do Jardim de Napoli. Já os outros dois personagens, Ivan e Mariano, entram na conta dos arquétipos que se cristalizaram sobretudo nos anos 1970 e 1980. O primeiro, um advogado idealista que, em contato com a realidade da política, se rende à corrupção. O outro, um sacerdote que defende a religião, apesar de contestá-la em muitos aspectos, especialmente no que diz respeito ao celibato.

"A vida não é um desenho muito poético de como a gente imagina ou tem na memória pedaços do passado", diz Tony Ramos sobre a busca de Baresi. O ator afirma ter decidido abraçar o personagem ainda antes de chegar à página 20 do roteiro, o que equivale mais ou menos aos 15 ou 16 primeiros minutos de filme. "Eu já liguei para o Villaça e falei: 'Cara, temos uma pérola aqui'", conta. Notório são-paulino, Tony Ramos disse que "a camisa do ator é a do personagem". E emendou, com elegância e espírito esportivo: "Quando fomos filmar no Allianz Parque, entrei no estádio deles com o maior respeito. Como sou fã do Zizinho, Canhoteiro e Dino Sani, tenho consideração pelo Palmeiras".

"Viradas de casaca" como essa já foram vistas, por exemplo, no díptico *Boleiros*, de Ugo Giorgetti, que escalou Lima Duarte, outro notório tricolor, como técnico do Palmeiras. O curioso sobre *45 do Segundo Tempo* é que, além de Tony Ramos, Cássio Gabus Mendes e Ary França são, também, torcedores do São Paulo. Villaça, esmeraldino de carteirinha e arquibancada, brinca que sua vontade de trabalhar novamente com Tony Ramos superou o clubismo, "independentemente de ele ser um são-paulino, coitado". Nas conversas com Cássio Gabus Mendes e Ary França, falar dos clubes de coração era uma constante. "Mandei até fazer bonequinhos dos três com a camisa do São Paulo para presenteá-los", afirma ele.

O filme é um bem-vindo bálsamo ficcional. O futebol poucas vezes foi usado, nas telas ou romances, como tema central, ancorado em causos e lendas da bola. Houve o extraordinário *O Drible*, de Sérgio Rodrigues, e, recentemente, *A Falta*, de Xico Sá, que acompanha a mente desesperada de um goleiro naquele que talvez seja o seu jogo de despedida. Bruno Barreto explorou a rivalidade entre Palmeiras e Corinthians na comédia romântica *O Casamento de Romeu e Julieta* (2005). Em *Linha de Passe* (2008), Walter Salles examinou como o futebol pode vir a se tornar a esperança de um futuro melhor para uma família pobre. Para Villaça, é uma pena que o futebol não tenha tido mais espaço no imaginário artístico. Há alguma explicação? Uma das hipóteses é a dificuldade de filmá-lo, de tornar as cenas em campo verossímeis. "É difícil", resume o diretor. Para Tony Ramos, talvez falte um olhar mais dedicado ao futebol. "O americano faz muito bem isso com beisebol, basquetebol e o futebol americano", diz. "Precisamos de mais roteiros que valorizem esse traço da nossa cultura esportiva." Fica a dica, com a certeza de ter sido dado magnífico passo com *45 do Segundo Tempo*, a um só tempo divertido e emocionante, como é o futebol e como é nossa existência. ■

Em *Boleiros 2*, Denise Fraga faz a juíza que expulsa Lima Duarte: causos e lendas

Solich e Dida: ele preferiu a garra do novato ao preciosismo frio de Rubens

O FEITICEIRO QUE POLIA CRAQUES

Como o treinador paraguaio Fleitas Solich, recordista de jogos pelo Flamengo, descobriu Dida, um dos grandes nomes da aventura rubro-negra, e ainda abriu as portas para um certo Zico

Mário Lima

O trecho a seguir faz parte do primeiro capítulo de Dida, *escrito pelo pesquisador Mário Lima (Editora Livros de Futebol)*

Manuel Agustín Fleitas Solich (1900-1984), o "Feiticeiro", como era chamado, um paraguaio com alma brasileira, foi um dos melhores treinadores de todos os tempos do Clube de Regatas Flamengo e um recordista em números de jogos pelo rubro-negro. Foram 504 jogos em três passagens pelo clube da Gávea (só perde para Flávio Costa, com 765 jogos). Entre 1953 e 1971, foi o responsável pela ascensão de dois jogadores, que também se tornaram os dois maiores ídolos e artilheiros do Flamengo, em toda trajetória gloriosa do clube: Dida e Zico.

O alagoano Dida foi promovido dos aspirantes ao profissional, logo na chegada do técnico, e foi um dos heróis do tricampeonato no Maracanã em 1953-54-55. Dezoito anos depois, em 1971, em sua terceira e última temporada no clube, tirou Zico do juvenil e o transformou em uma máquina de jogar futebol, que ganhou tudo pelo Flamengo nos anos 1980

Sua alcunha de "Feiticeiro" foi dada pela imprensa carioca, por sua magia de transformar os garotos da base do Flamengo em verdadeiras joias do time: Zagallo também foi uma de suas apostas.

O responsável pela chegada de Fleitas Solich foi o presidente Gilberto Cardoso, que o buscou em Assunção, depois que o técnico conquistou a primeira Copa América para seu país, em Lima, no Peru, em 1953. Contra quem? O Brasil de Nilton Santos, Ademir, Baltazar e Zizinho. O presidente Gilberto Cardoso escolheu o nome certo para tirar o Flamengo da longa fila de nove anos sem títulos no Campeonato Carioca. Com 53 anos, o técnico campeão da América do Sul chegou, viu e venceu.

Para o cronista Nelson Rodrigues, Solich incorporou-se ao

O treinador e, ao fundo, o Galinho de Quintino, em 1971: espaço para o garoto franzino

Flamengo como em nenhum outro clube que tenha treinado, inclusive o Real Madrid de Di Stéfano e Puskás — de onde voltou após uma temporada curta, mas vitoriosa para assumir novamente o Flamengo. A sua personalidade apresenta uma série de características do perfil histórico do rubro-negro: "A gana, a garra, a chama indomável e a alma imbatível", se expressou o tricolor confesso Nelson Rodrigues. Para ele, Solich não tinha meio-termo em sua concepção sobre futebol. "No pleno apogeu de Rubens, ele o barrou, preferindo a agressividade de Dida ao frio virtuosismo do grande Rubens."

Na preparação da seleção brasileira rumo à Suécia, para a disputa da Copa do Mundo, o Brasil jogou contra o Flamengo, de Fleitas Solich, no Maracanã, em maio de 1958. Faltando um mês para a Copa, o Flamengo bateu a seleção por 1 a 0. Do lado da seleção canarinho, estavam alguns monstros sagrados, como o próprio Dida, Zagallo, Joel e Moacyr, todos saídos da base rubro-negra e promovidos pelo "Feiticeiro". "Nunca se viu um de seus garotos fugir do pau" — vaticinou Nelson Rodrigues, em uma de suas crônicas.

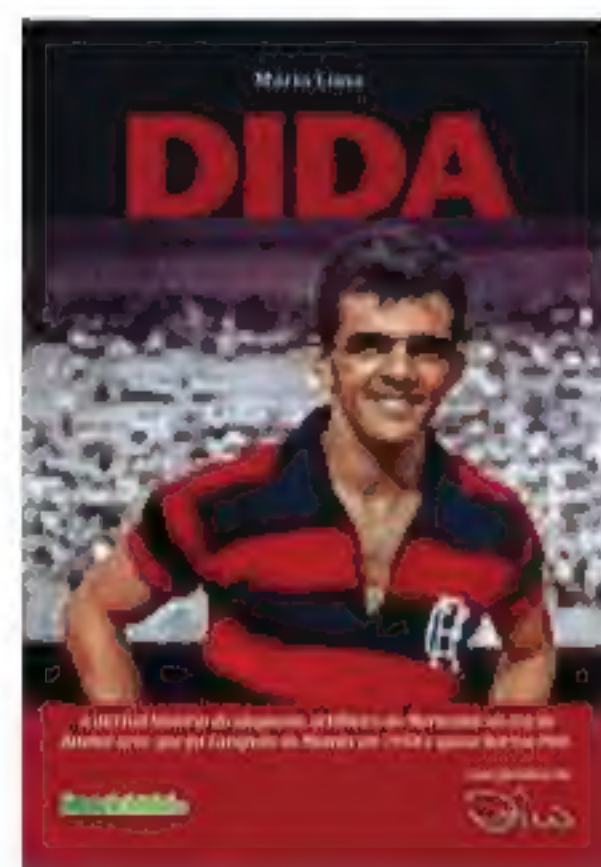
Solich nasceu em Assunção, capital do Paraguai, e surgiu como jogador do Nacional, em 1918. A técnica, a calma e a elegância eram as virtudes do meio-campista. Como atleta profissional, foi campeão pelo Nacional (1924 e 1926). Na Argentina, brilhou no Boca Juniors como bicampeão (1930-1931). E, como técnico, treinou Lanús, Newell's Old Boys, Quilmes e Talleres.

Segundo testemunhas, o primeiro grande feitiço de Solich no Flamengo aconteceu em outubro de 1953, durante o Campeonato Carioca. O time perdia por 1 a 0 para o Olaria, do técnico Domingos da Guia, na Rua Bariri. Diante de tamanha falta de ofensividade, os torcedores pareciam conformados com a derrota. Afinal de contas, o paraguaio havia realizado todas as substituições. O que mais poderia ser feito?

Foi então que ele decidiu mexer nas peças do ataque: Esquerdinha, da ponta canhota foi para a direita; Joel, que caía pela direita, virou centroavante; e o então homem de referência — Índio — foi deslocado para a meia-direita. O Flamengo conseguiu três gols nos últimos dez minutos e abriu o caminho para o título daquele ano.

Reza a lenda que Solich era vencedor, mas, na mesma medida, linha-dura. Amarildo foi mandado embora por Solich por causa de um cigarro — contou, uma vez, Dida, ídolo do Flamengo, sobre o episódio que culminou com a saída da outra lenda: "Amarildo fumou propositalmente na frente dele, e o Solich não o aceitou mais".

Na sua primeira saída do Flamengo, o argumento foi muito forte, pois deixou a Gávea para assumir o Real Madrid, embora a aventura por terras espanholas não tenha durado muito tempo. Voltou ao clube carioca para faturar o Rio-São Paulo de 1961. No Brasil, também dirigiu Corinthians, Fluminense, Palmeiras, Atlético-MG, Bahia e só reencontrou o Flamengo dez anos depois, em 1971. Aos 71 anos retornou à equipe para se despedir e se aposentar após 39 jogos.

Não sem antes, porém, puxar para os profissionais um garoto franzino que pedia passagem nas categorias de base. Os olhos de quem revelou Dida, Babá, Evaristo e Zagallo permitiram ao paraguaio lançar um novo garoto para o grande mundo da bola: Zico. ■

DIDA; *de Mário Lima; Editora Livros de Futebol; 220 págs.; 50 reais (+ frete); livrosdefutebol@gmail.com*

PAULO CEZAR CAJU

UM PEQUENO DETALHE...

As derrotas são dolorosas e os torcedores, cruéis, muitas vezes injustos, porque haverá sempre uma bola na trave, uma defesa milagrosa

Se o italiano Roberto Baggio tivesse se concentrado um pouco mais, poderia ter marcado aquele pênalti"

A vida é construída de detalhes. E sempre será. No futebol não é diferente. Se o italiano Roberto Baggio tivesse se concentrado um pouco mais, poderia ter marcado aquele pênalti. Zico jogou três Copas e não venceu nenhuma. Platini também não ganhou! Eu perdi um gol contra a Holanda, em 1974, que poderia ter mudado o rumo da competição. Aquela cabeçada de Oscar, contra a Itália, poderia ter entrado, em 1982. A seleção de 1950 morreu amargando aquela derrota para o Uruguai. Poderiam ser heróis, mas viraram vilões. São os detalhes da vida. Neymar tem mais uma Copa pela frente.

Os torcedores são cruéis nesse ponto e, para mim, equivocados. A grande maioria considera "jogador de clube" os que não têm no currículo uma Copa do Mundo. Um absurdo, afinal muitos botinudos e pernas de pau conseguiram esse feito. É cruel demais saber que a nossa geração da década de 80 passou em branco. E hoje somos obrigados a ouvir que não ganhamos nada e fomos amarelões. Os detalhes da derrota são dolorosos, um pênalti perdido, uma bola na trave, uma defesa milagrosa. No 7 a 1, na verdade 10 a 1, com os três gols da Holanda, não houve detalhe. Na Copa seguinte também não houve detalhe. Fomos eliminados e a torcida não sofreu como em outras ocasiões porque essa identificação com a seleção e seus jogadores vem se esvaindo ano a ano.

Não estamos dando mais chance para os detalhes entrarem em cena. Mesmo assim, Neymar tem pela frente a chance de ganhar uma Copa. As ruas não estão enfeitadas e aquele climão de pré-Copa ainda não nos contaminou. Mas, claro, se a seleção for para a final, o torcedor fará a sua parte porque ele é movido a paixão. E, após essa Copa, Neymar e seus companheiros, segundo o ponto de vista dos torcedores, entrarão para a lista dos "jogadores de clube" ou dos "completos", um pequeno detalhe... ■

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O instante do título brasileiro em 1994: o cracaço foi quem desperdiçou a chance e matou a esperança